

Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Mestrado em Edição de Texto

Ana de Castro Osório:
Escritora e Editora para Crianças
Inês Neto, Fevereiro 2008

Orientador
Professor Doutor João Luís Lisboa

Agradecimentos

Ao Professor Doutor João Luís Lisboa, sem o qual este trabalho não teria sido possível, agradeço a disponibilidade, prontidão e pistas em momentos-chave.

Aos amigos, que são paras as ocasiões, em particular, à Maria Mendes e à Paula Borges Santos.

Índice

1. Propósitos e objectivos	4
2. Abordagens à figura Ana de Castro Osório	7
3. Contextos e textos para crianças	23
4. A editora Ana de Castro Osório: fontes para um estudo.....	35
5. Instruir, formar e divertir?	40
6. Pistas a seguir	46
7. Fontes e bibliografia	49

1. Propósitos e objectivos

O objectivo desta proposta de estudo é a análise do papel de Ana de Castro Osório, no contexto da edição da literatura infantil, nos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX (até 1935).

O livro infantil, enquanto objecto de expressão cultural, veicula discursos, contextualizados numa determinada época, que o moldam, determinam e lhe conferem um sentido. O número de estudos no âmbito da história e sociologia da leitura, em Portugal, não parece ser abundante e, no que se refere à infância, surgem sobretudo dados, enquadrados no campo da história da literatura infantil.

Parece pois pertinente reflectir sobre o mercado livreiro do início do séc. XX de livros para crianças, tendo como exemplo Ana de Castro Osório, que cria e sustenta duas editoras, publica títulos de 1897 a 1935, escreve em diversos jornais infantis e utiliza a edição em fascículos para poder publicar as suas obras.

Para cativar os seus leitores, a autora/editora desenvolve estratégias para conseguir vingar no mercado, tais como, brindes ou prémios associado à colecção **Para as Crianças**. Por outro lado, concorre para a inclusão das suas histórias em manuais escolares e consegue-o, tanto em Portugal como no Brasil, quer no tempo da Monarquia quer durante a Primeira República.

São vários os factores que podem condicionar o seu projecto e levá-la ao fracasso. O maior de todos talvez seja o facto de não existir propriamente uma literatura para a infância com contornos definidos, na qual Ana de Castro Osório se possa inspirar.

Por outro lado, custos de edição, dificuldades de venda e distribuição, bem como um público aparentemente muito reduzido, na sua maioria analfabeto, podem afectar o sucesso da sua empresa.

A acrescentar a estes aspectos, o facto estarmos a falar de uma mulher no mundo dos negócios, numa época em o papel feminino se desenrola sobretudo na esfera privada, pode limitar a sua acção.

A pesquisa será feita no sentido de apreender todo o processo de produção, transmissão e recepção da obra da autora. Pretende-se averiguar as motivações de Ana de Castro Osório – e de outros autores de então – ao escrever para crianças, de forma a compreender tanto a sua produção literária como a sua acção enquanto editora. Nesse sentido, é essencial uma contextualização da conjuntura política, social, económica e cultural do período em que Ana de Castro Osório desenvolveu o seu trabalho, bem como uma explicitação do que se pensa ser literatura para a infância na época.

Nas obras produzidas por Ana de Castro Osório, parece indispensável abordar o papel de adaptações de contos de tradição popular portuguesa e contos maravilhosos transnacionais, no intuito de debater a questão da autoria e a fronteira entre adaptações e produção original. No que se refere à produção original, importa apurar qual o seu estilo e marca pessoal. É de referir também o seu papel como tradutora e escritora para teatro.

No contexto do mercado de obras literárias infantis, é relevante ficar a saber quais as casas editoras que se dedicaram à produção literária infantil, quais os escritores que publicaram obras, se existia (ou não) concorrência, qual a dimensão do mercado e a aposta dos editores neste género, quais os preços, as tiragens, a qualidade da impressão, os formatos e qual o papel da ilustração nesta fase inicial da literatura infantil no nosso país.

Paralelamente, será importante estabelecer a relação entre os autores, editores e livreiros e indagar formas de circulação das obras. Em especial, avaliar o comércio livreiro de obras infantis em fascículos, a sua eficácia (ou não), a relação entre livro e jornal infantil e os mecanismos para cativar e manter um público fiel.

No que respeita à recepção dos livros, importa pensar no(s) público(s). Quem tem acesso a obras infantis; qual a sua capacidade económica; quais os meios onde são lidas as obras (urbanos, rurais, ou ambos); qual o tempo disponível das crianças para actividades de lazer (dada a elevada taxa de trabalho infantil em determinados contextos); se porventura a leitura poderia considerar-se uma actividade de entretenimento ou se funcionava única e exclusivamente como meio de aprendizagem

e qual o método de leitura utilizado (em voz alta e em conjunto, ou através da leitura individual) são aspectos a explorar. Quais as idades a que se destinam as obras, quais os conteúdos e o universo a que se referem também contribuem para caracterização dos leitores.

Se possível, aferir a aceitação dos livros de Ana de Castro Osório pelas crianças e perceber se a obra vai ao encontro dos seus gostos e interesses. Por último, surge a intenção de repensar qual a contribuição da autora/editora na criação e expansão do género literário infantil no nosso país e interrogar se a sua obra dedicada às crianças se autonomizou como peça cultural ou não deixou memória de si.

2. Abordagens à figura Ana de Castro Osório

Para poder compreender o papel da autora no contexto da literatura infantil portuguesa, é necessário ter uma noção de como Ana de Castro Osório tem sido encarada historicamente e enunciar as abordagens que sobre ela têm sido feitas. Só desta forma se poderá estabelecer um estado da questão, que permita uma compreensão mais alargada, essencial para a realização posterior da pesquisa.

Ao olhar para a bibliografia disponível sobre Ana de Castro Osório, o terreno é muito fértil e diversificado, ainda que na sua maioria estejamos a falar de obras, artigos, dissertações de mestrado e conferências recentes. Para compreendermos o objecto de estudo deste trabalho, parece importante fazer uma breve resenha das várias áreas de intervenção da autora.

Optou-se por apurar como a autora tem sido lembrada numa perspectiva cronológica, abarcando as diversas áreas do seu protagonismo. De entre as obras e pesquisas sobre as quais se farão referência, as citações incidirão mais sobre a sua actividade enquanto escritora para crianças, no intuito de testemunhar quais as perspectivas de investigadores sobre este seu papel.

Mulher multifacetada e muito activa, Ana de Castro Osório tem uma produção e acção contínuas em diversos campos. Sob diferentes regimes políticos – Monarquia, Primeira República e o início do Estado Novo – a sua vida pública é ininterrupta e reconhecida no seu tempo.

Ana de Castro Osório funda várias organizações e colabora em diversas instituições. A Escola Liberal de Setúbal, a Associação de Propaganda Feminista, a Comissão Feminina “Pela Pátria”, a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, a Cruzada das Mulheres Portuguesas são alguns exemplos do seu empenhamento cívico. No campo político mais institucional, colabora com Afonso Costa na elaboração da Lei do Divórcio e é nomeada inspectora dos Trabalhos Técnicos Femininos pelo Ministro do Trabalho, António Maria da Silva (1916). Também na Maçonaria portuguesa Ana de Castro Osório se distingue ao presidir a loja maçónica “Humanidade” e criar a loja

“Carolina Ângelo”. Tal é o reconhecimento do seu valor no início do século XX que lhe é proposta a condecoração da Ordem de Santiago, a qual recusa, e, já durante o Estado Novo, a condecoração de Ordem de Mérito Agrícola e Industrial, que aceita.

Nas letras, a sua obra é dedicada à ficção para adultos, a textos ideológicos e a literatura para os mais jovens. Estreia-se na escrita com *Infelizes – Histórias Vividas* (1896), uma colectânea para adultos com alguma aceitação pela crítica. Também as obras *Ambições* (1903), *Um Sermão do Senhor Cura* (1907), *Quatro Novelas* (1908), *A Capela das Rosas* (1931), *Dias de Festa* (s.d), são para um público adulto.

Contam-se inúmeros escritos de conferência, artigos de jornal e obras publicadas sobre as suas convicções. *A Educação da Criança pela Mãe* (1901), *A Influência da Mãe na Raça Portuguesa* (1916), *Ser Feminista* (1917), *As Operárias de Setúbal e a Greve* (1911), *A Grande Aliança* (1924), *Em Tempo de Guerra* (1918), são meros exemplos de um conjunto fecundo, de alguém com mais de 100 colaborações em jornais, revistas, conferências, etc.

A sua produção para crianças começa em 1897 e é um projecto imparável. Passa em grande parte pela recolha de contos tradicionais e da sua recriação, diversas vezes reeditados no seu tempo. De autores estrangeiros faz traduções de Grimm, Luigi Motta, Andersen e Paul Bourger. Da sua produção original destacam-se livros como *De Como Portugal foi Chamado à Guerra: História para Crianças*, *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte*, *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil*. Para o teatro destinado a crianças, escreve a peça *A Comédia da Lili* (1903). Alguns dos seus contos e histórias são incluídos em manuais escolares como *Lendo e Aprendendo* (no Brasil) ou *A Minha Pátria*, um livro encomendado pelo governo monárquico como prémio de bom aproveitamento escolar (1906).

Como inicialmente não consegue a publicação das suas histórias para mais novos, resolve editar os seus contos através dos fascículos “Para as Crianças”. Estes fascículos são compilados em volumes sob a chancela da editora por si criada: **Casa Editora Para as Crianças** em Setúbal (1897), que mais tarde vem a chamar-se **Livraria Editora para as Crianças**. Posteriormente cria a editora **Lusitânia**.

Ao rever de forma sucinta o seu legado, apercebemo-nos de uma produção e acção constantes e persistentes em diversos pólos. Só desta forma se pode entender o quão variado é o que sobre ela se tem dito e escrito, privilegiando-se na maior parte das vezes uma das suas facetas.

Não parece relevante questionar qual a área em que a autora se terá mais distinguido, dado parecer que a riqueza do seu contributo histórico está aliás no carácter invulgar de o seu nome aparecer como precursor em diversos campos. Importa no entanto averiguar de que forma tem sido encarada ao longo dos tempos, quais os aspectos que têm sido mais destacados da sua forte personalidade e qual o papel da literatura infantil neste contexto.

Ainda durante a sua vida, Ana de Castro Osório aparece em algumas obras ou artigos. Logo em 1906 surge em *Os Modernos Publicistas Portugueses*, de Bruno Sampaio e, no ano de 1908, em *A Mulher em Portugal*, de José Agostinho. Enquanto escritora para a infância, o seu nome surge na pesquisa precursora da história da literatura infantil portuguesa – *Algumas Acheegas Para uma Bibliografia Infantil* (1928), de Henrique Marques Júnior.

Em 1929, há referências a Ana de Castro Osório no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiras para o Ano de 1930*, uma obra de vários autores; e, em 1924, Teresa Leitão de Barros descreve-a em *Escritoras de Portugal*:

“(…) como escritora de prosa límpida e serena, merece a admiração de todos os que velam pelo bom nome literário da nossa pátria e veem em cada profissional de letras, consciencioso e fiel aos seus princípios de orientação artística ou moral, uma garantia tranquilizadora.”¹

Logo após o seu falecimento, Raquel Bastos, relembra-a:

“Ela era sempre a mais forte porque, mortas umas ilusões, logo a sua imaginação criava outras. (...) Como gostavam dela as crianças! Atraía-os aquele ar sério com que lhes

¹ BARROS, 1924, p. 315.

falava, aquela dignidade que desde pequenos lhes reconhecia e que por todos os meios evitava ferir.”²

Em 1937, publica-se um artigo no *Diabo* intitulado “Ana de Castro Osório – Esquecida”. A partir da década de 40 e sensivelmente até à década de 80 do séc. XX, as referências a Ana de Castro Osório surgem sobretudo em artigos e homenagens à sua acção feminista e republicana. Da sua feição de escritora para crianças, há alusões em obras dedicadas à história da literatura infantil em Portugal e, na década de 50, uma edição de grande envergadura das suas histórias.

Nos anos 40, João Osório de Oliveira escreve em *Vida Mundial Ilustrada* “Ana de Castro Osório Minha Mãe” (1942) e Natércia Freire, na *Rádio Nacional*, faz-lhe um elogio “Uma Figura das Nossas Letras, D. Ana de Castro Osório”, em 1944. Da sua obra publicam-se dois volumes de *Contos de Grimm e Histórias Maravilhosas*.

Na década de 50, a Sociedade de Expansão Cultural edita uma compilação dos seus contos dirigidos às crianças, em quatro tomos. Desta edição destacam-se *Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa - Recolhidas e Contadas por D. Ana de Castro Osório*, dois volumes num total de 956 páginas, que a autora já reunira em vida para publicação. No prefácio desta edição explica-se o contexto em que a obra é reeditada e são tecidos elogios à autora:

“O Livro onde ficará sempre vivo o génio de um povo, através das suas mais belas tradições (...) Palavras também de justa homenagem de quem, com intuição única, lúcido amor pela sua raça, dedicação constante de uma vida e os mais altos dotes literários, pode realizar esta obra – a escritora D. Ana de Castro Osório. (...)”³

Em 1952, no suplemento “Artes e Letras” do *Diário Popular*, Nelly redige um artigo intitulado “A Tradição Popular Portuguesa em Histórias para Crianças”. No *Jornal República* Maria Veleda escreve “Memórias”.

Nas décadas de 60 e 70 as menções a Ana de Castro Osório continuam a ser pontuais. João de Castro Osório a ela se refere em “Notas sobre o Salvamento dos Poemas de Camilo Pessanha e suas Edições”, na publicação de *Clepsidra e Outros Poemas*, de

² BASTOS, 1935, pp.9-10.

³ OSÓRIO, 1952, p.5.

Camilo Pessanha, em 1969; surge novamente um artigo no *Jornal República* em 1972, desta vez de Elina Guimarães *Ana de Castro Osório*; e em 1978, Elina Guimarães publica no *Boletim* da Comissão da Condição Feminina “Sete Décadas de Feminismo”. A Sociedade de Expansão Cultural lança *Últimas Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa*, em 1960.

Maria Ester de Lemos publica *A Literatura Infantil em Portugal* em 1972. Faz o percurso do aparecimento do género e enquadra a obra de Ana de Castro Osório no ideário republicano:

“As ideias de Progresso, Trabalho, Instrução, Liberdade e Pátria, maiusculadas com entono, reaparecem na imprensa e na oratória daqueles anos. A literatura infantil contemporânea acusa em parte o impulso destas tendências. Ana de Castro Osório, que a partir de 1897 publicara sob o título geral *Para as Crianças* um longa série de fascículos numerados, onde, entre outros géneros, predominavam os contos tradicionais, recolhidos da boca do povo, enveredou decididamente pelo caminho da educação cívica e patriótica imposto pelos novos ideais.”⁴

Em 1979, Alice Gomes publica *A Literatura para a Infância*, na qual faz uma reflexão sobre o aparecimento do género a nível mundial e foca o contexto português. Ana de Castro Osório aparece entre os escritores de renome da sua época, sobretudo pelo seu trabalho de recolha de contos tradicionais:

“Expressamente contadas às crianças, são histórias que recolheram e escolheram as escritoras portuguesas Maria Amália Vaz de Carvalho, Emília Sousa Costa e Ana de Castro Osório – esta última com obra vastíssima que, felizmente, podemos ler na actualidade, pois que está a ser reeditada.”⁵

A partir dos anos 80 começa a dar-se alguma relevância histórica a Ana de Castro Osório como feminista e republicana. Maria Regina Tavares da Silva escreve o ensaio *Feminismo em Portugal na Voz de Mulheres Escritoras* em 1982, onde descreve o movimento feminista português, as perspectivas das principais promotoras, o modo como o teorizaram, os grupos que formaram. Ana de Castro Osório é conotada como uma feminista radical e militante.

⁴ LEMOS, 1972, pp. 19-20.

⁵ GOMES, 1979, p. 54-55.

“Mais perto do final do século, várias mulheres, individualmente, começam a fazer ouvir a sua voz, chamando a atenção para a situação das mulheres, situação de inferioridade, quer legal, quer social, quer ainda cultural (...) Ana de Castro Osório é talvez teórica mais notável do feminismo e uma das militantes mais empenhadas (...).”⁶

A. H. de Oliveira Marques recupera e reconhece a sua importância como republicana nos seus estudos sobre a Primeira República. No tema “Família e a Mulher”, esclarece-nos sobre o profundo atraso da condição da mulher portuguesa no início do séc. XX e o esforço de algumas intelectuais e organizações:

“Ajudava-os um pequeno grupo de mulheres inteligentes e instruídas, lutando pelo mesmo fim ainda com mais determinação e conhecimento de causa. A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, fundada em 1909, desempenhou notável papel nesse objectivo, mau grado o escasso número das suas filiadas (menos de 500 em 1910). Não pode esquecer-se o que foi a luta inglória dessas mulheres (dirigidas por senhoras enérgicas e cultas como Ana de Castro Osório, Adelaide Cabette, Maria Veleda e outras) para criar um novo Portugal, aberto às ideias modernas e encerrado à ditadura tradicional do outro sexo.”⁷

Como figura de destaque na Maçonaria Portuguesa, A. H. de Oliveira Marques faz referência no seu *Dicionário da Maçonaria Portuguesa* (1986) e Fernando Marques da Costa em *A Maçonaria Feminina*.

No ano de 1985, é publicada em Setúbal uma obra denominada *Mulheres que Deram Nome a Ruas de Setúbal*. Em 1986, José Carlos Seabra Pereira publica *Perspectivas do Feminismo na Literatura Neo-Romântica* e Fernando Catroga aborda “A Laicização do Casamento e o Feminismo Republicano” em *A Mulher na Sociedade Portuguesa*. Fernando Marques da Costa pronuncia-se sobre “Mulheres, Elites e Igualitarismo na 1ª República” em *Mulher na Sociedade Portuguesa – Visão Histórica e Perspectivas Actuais II*. Elna Guimarães publica *Mulheres Portuguesas Ontem e Hoje*. São também editadas as *Cartas a Alberto Osório de Castro, João Baptista de Castro, Ana de Castro Osório*, de Camilo Pessanha.

É com João Esteves na dissertação de mestrado *A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas – uma organização política e feminista (1909-1919)*, posteriormente editada no âmbito do prémio “Mulher Investigação 1991”, da Comissão para a

⁶ SILVA, 1982, p. 8.

⁷ MARQUES, 1998 (13ªed.), p. 347.

Igualdade e para os Direitos das Mulheres, que é dado um especial relevo a um órgão do Partido Republicano, cuja fundadora é Ana de Castro Osório.

A abordagem do seu estudo vai no sentido de compreender a função, dimensão e papel desta organização na sociedade portuguesa:

“(…) quer na perspectiva de actuação e repercussão quotidianas, quer na sua orgânica e estrutura internas, num momento histórico particularmente significativo da sociedade portuguesa, pois coincide em simultâneo com a passagem abrupta do sistema monárquico para o republicano e com o incremento da luta pela modificação da condição da mulher, que aspirava a desempenhar um papel social, económico e político menos passivo e mais interveniente.”⁸

Parece, na década de 80, haver um maior número de obras de investigação no domínio da literatura infantil, da sua história e desenvolvimento no nosso país. Domingos Guimarães Sá publica em 1981 *A Literatura Infantil em Portugal: Achegas para a sua História* onde denuncia haver uma lacuna na perspectiva da História da Cultura Portuguesa no que respeita à história da literatura infantil em Portugal. Ana de Castro surge na listagem de autores pioneiros, a quem Domingos Guimarães Sá presta homenagem. Entre os autores, dá um especial relevo a João de Deus, a quem chama “o patriarca da Literatura Infantil”.⁹

Maria Laura Bettencourt Pires lança *História da Literatura Infantil portuguesa* em 1982, na qual surge a seguinte nota:

“Também Ana de Castro, que fundou a colecção “Para as Crianças” fez, em 1905, conferências sobre educação na Associação d’Instrução Popular às alunas da “Associação Educativa da Mulher Pobre.”¹⁰

Em *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*, livro publicado em 1984, Natércia Rocha traça o panorama histórico e evolutivo da literatura infantil, numa análise pormenorizada de todos os seus principais actores. A relação da criança com o livro, as grandes transformações ocorridas no séc. XIX, a passagem da criança a

⁸ ESTEVES, 1991, p. 15.

⁹ SÁ, 1981, p. 24

¹⁰ PIRES, 1982, p. 94.

consumidor de livros infantis são temas abordados. Emerge pela primeira vez uma alusão a Ana de Castro Osório no contexto da edição de livros infantis:

“Ao iniciar a colecção “Para os Nossos Filhos”, Ana de Castro Osório dá resposta à latente exigência despertada pela evolução das ideias, pela propaganda política, pelo avanço tecnológico. O livro para criança assume um novo estatuto de presença constante na produção editorial. A frequência da saída de títulos novos revela um esforço para atingir estabilidade e revela também a existência de mercado – Portugal e Brasil – suficientemente receptivo.”¹¹

A partir da década de 90 e até à actualidade, as alusões a Ana de Castro Osório aumentam substancialmente. No campo da sua acção política e feminista, são várias as obras onde surge o seu nome, ou a ela são dedicadas. Em 1991, Maria de Fátima Medeiros pronuncia-se no congresso *A Vida da República Portuguesa 1890-1990* com o tema “Uma Conselheira de Afonso Costa – Ana de Castro Osório”; e, em 1992, Maria Ivone Leal escreve *Um Século de Periódicos Femininos*.

Cecília Barreira publica *História das Nossas Avós: Retrato da Burguesia em Lisboa (1890-1930)*. Foca temas como a educação e os seus preceitos, as ideologias, as escritoras, etc. Relativamente aos livros de Ana de Castro Osório, que vieram a ser manuais escolares, refere o seu carácter propagandista do ideário republicano. Sobre a recepção da literatura emancipalista das intelectuais de então, questiona:

“Até que ponto esta literatura penetrava realmente na educação das jovens em princípios do século? Deveria ser escassa a penetração, dado o vanguardismo com que apresentavam estas teses pedagógicas.”¹²

Em 1993, João Esteves publica *Estudos sobre a Mulher em Portugal*, pela Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres; em 1994, Maria João Martins aborda o seu papel em *Mulheres Portuguesas, Divas, Santas e Demónios*; Luísa Ferreira da Silva escreve *Entre Marido e Mulher Alguém Mete a Colher* em 1995; Maria Regina Tavares da Silva refere-se a ela, em 1996, na “História no Feminino: Os Movimentos Feministas em Portugal” da *História de Portugal*, de direcção de João Medina.

¹¹ ROCHA, 1984, p.56.

¹² BARREIRA, 1992, p. 63.

Em 1997, surge um artigo de João Esteves, na revista *Leituras* da Biblioteca Nacional, sobre o espólio da família Castro Osório. Nas suas considerações iniciais, o historiador observa:

“Ana de Castro Osório continua a estar votada a certo obscurantismo quanto às diferentes vertentes da sua actuação na sociedade de então, quer enquanto militante feminista e propagandista republicana, quer como escritora para crianças, editora e articulista em dezenas de publicações, desde jornais republicanos a revistas literárias não logrando, até hoje, um estudo biográfico digno desse nome.”¹³

Nos finais da década de 90, João Esteves publica *As Origens do Sufragismo Português* e “O Movimento Feminista em Portugal. A Pesquisa em Periódicos” em *Faces de Eva, Estudos sobre a Mulher*. Em 1999, Maria Regina Tavares da Silva lança uma bibliografia sobre as mulheres *A Mulher, Bibliografia Portuguesa Anotada (1518-1998)* e Ana Barradas refere a sua concepção das condições operárias em “Feminismo antioperário: a República e a greve das conserveiras de Setúbal” em *Memórias dos Trabalhadores e das Lutas, A Condição Operária, História*. Em 2000, Karine Coelho escreve *Ana de Castro Osório et le Mouvement Féministe Portugais*. Em 2002, Vanda Gorjão publica *Mulheres em Tempos Sombrios* e, em 2007, é editada a obra *Operárias e Burguesas – As Mulheres no Tempo da República*, de Maria Alice Samara, na qual é dedicado um capítulo a Ana de Castro Osório, intitulado “Ana de Castro Osório – Doutrina e Organização”. Embora neste recente livro a referência ao seu papel como escritora para crianças seja clara, ao considerá-la uma das fundadoras da literatura infantil em Portugal, aparece integrado na sua concepção de mudança da sociedade, como forma de educação cívica e não com autonomia e destaque.

Na investigação sobre posições influentes na transmissão de valores às crianças, presente em manuais escolares, Luís Vidigal cita as perspectivas de Ana de Castro Osório, no que respeita ao colonialismo e à forma de olhar o “Outro”:

“Também Ana de Castro Osório reafirma a crítica da conquista: “detestamos a guerra, mas temos de aceitar a guerra, em defesa legítima e sagrada. E devemos detestar a guerra, isto é, a violência de irmos devastar e oprimir os outros povos, pelo que é nosso dever

¹³ ESTEVES, 1997, p. 169.

propagar todas as ideias de paz e de respeito pelos direitos das outras nações. (1919, p.41).”¹⁴

Ao abordar o papel da escola, do professor, do significado social da leitura na 1ª metade do século XX, Luís Vidigal esclarece a posição dos republicanos, para quem ser analfabeto é estar limitado, “incompleto”. As posições pedagógicas de Ana de Castro Osório, para quem a leitura aparece associada ao dever e ao prazer, e o livro é um meio de combater a ignorância, são referenciadas diversas vezes.

“Por isso, para os republicanos, não há meças a medir na valorização do livro, na sua quase fetichização: “Os nossos melhores amigos são os livros; quem os despreza e trata mal é castigado porque, por mais que faça, nunca passará de um brutinho” (Osório, 1923, p. 23).”¹⁵

No seguimento do interesse já iniciado na década de 80, as obras relativas às questões da literatura infantil e da sua história intensificam-se na década de 90.

António Soares Marques, na conferência proferida em 1992, em Viseu, atesta a dificuldade de falar sobre Ana de Castro Osório como escritora e parece-lhe indiscutível “que há escritores felizes e escritores infelizes”¹⁶. Em jeito de conclusão, diz:

“Com efeito, foram vários os escolhos que se me depararam pelo caminho, em que o maior dos quais foi a escassez de obras da lavra de Ana de Castro Osório. Por outro lado, não encontrei qualquer tipo de trabalhos sobre a sua faceta de escritora virada para a literatura infanto-juvenil. Também não será de estranhar tal ausência, porquanto ela é sobremaneira evocada e citada como militante activamente empenhada na dignificação e promoção da mulher.”¹⁷

Maria Emília Traça, em *O Fio da Memória – Do Conto popular ao Conto para Crianças*, reflecte sobre a função simbólica dos contos, relaciona contos e literatura infantil, questiona como podem influenciar e formar a personalidade das crianças. Cita Leite Vasconcelos no que se refere ao trabalho de Ana de Castro Osório:

“Convencida do valor dos contos populares ou de aspecto popular, como instrumento de educação infantil, imaginou também a conhecida escritora D. Ana de Castro Osório

¹⁴ VIDIGAL, 1996, p. 398.

¹⁵ VIDIGAL, 1994, p. 76.

¹⁶ MARQUES, 1994, p. 5.

¹⁷ *Idem*, p. 22.

preparar para o prelo, como tal destino, uma colecção deles, no que ia de acordo com a opinião de abalizados pedagogistas; e assim começou em 1897 a publicar *Para as Crianças*, que consta de duas espécies: contos de origem popular portuguesa, modificados por ela no estilo, e contos de outra origem, isto é, literários ou traduzidos.”¹⁸

Em 1997, Glória Bastos publica *A Escrita para Crianças em Portugal no séc. XIX*, um livro cuja análise se centra sobre os mais variados aspectos da literatura infantil nesta época específica. O pensamento pedagógico, as concepções ideológicas sobre a infância, o papel das traduções, os periódicos para crianças, os seus objectivos editoriais e o público, a relação livro/jornal, os fabulários, as traduções são temáticas trabalhadas. A publicação **Para as Crianças** surge no limite entre o periódico e o pequeno livro. Glória Bastos descreve o que a autora produz para o público infantil ainda no séc. XIX: histórias na secção infantil do semanário ilustrado *Branco e Negro* (1896), os fascículos “Para as Crianças”, as publicação **Para as Crianças** e *Alma Infantil* (1899).

Em *Literatura para Crianças e Jovens em Portugal*, também Garcia Barreto traça o percurso da história da literatura infantil em Portugal. Entre os escritores dos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX, descreve a figura de Ana de Castro Osório, enquadrando-a não só no ideal republicano relativo às crianças de “instruir e formar divertindo” mas fazendo uma breve exposição da sua importância e da sua obra. Parece importante assinalar o que Garcia Barreto observa relativamente à sua marca para a divulgação deste género:

“Mas a actividade de Ana de Castro Osório em prol da literatura infanto-juvenil não se ficou pela escrita de originais seus, que aliás não formaram o grosso da sua prestação literária, mas todo um trabalho de adaptação de textos, de divulgação do livro através de colecções por si criadas e lideradas. Todo este trabalho teve um impacto enorme junto dos leitores e conheceu mesmo o mercado brasileiro, que se mostrou bastante receptivo às suas obras. A literatura infantil portuguesa deve-lhe muito.”¹⁹

É Fátima Ribeiro de Medeiros na obra *Do Fruto à Raiz – Uma Introdução às Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa Recolhidas e Recontadas por Ana de Castro Osório*, quem mais se dedica à figura de Ana de Castro Osório como escritora para crianças. Fruto de uma dissertação de mestrado em 1999, o seu livro é publicado em 2003. Esta é a pesquisa mais completa da obra literária da autora. Ao aperceber-se

¹⁸ TRAÇA, 1992, p.83.

¹⁹ BARRETO, 1998, p. 33.

não ter sido esta uma das áreas mais estudadas da sua personalidade, a investigadora constata:

“Foi às crianças que Ana de Castro Osório deu uma atenção mais continuada, quer como autora de textos originais, quer como adaptadora e tradutora ou ainda fixando e recontado temas da nossa tradição oral, tendo começado a preocupar-se desde muito cedo com a produção literária para os mais novos (...).”²⁰

Do contributo da autora, declara:

“É nesta cidade [Setúbal] que começa a criar corpo uma colecção de pequenas brochuras, intitulada “Para as Crianças” (...), que ao longo dos anos irão rondar a vintena, a que a autora após a chancela de Livraria Editora Para as Crianças e que, sem dúvida, são o seu contributo mais significativo em relação à literatura para a infância. Em edições posteriores virá a reunir os contos aí publicados em diversos volumes. Da cidade do Sado foram saindo para todo o país pacotes de livros, de que a própria autora fazia a distribuição e venda, com histórias que ajudaram a criar e a desenvolver o imaginário de gerações sucessivas.”²¹

Sobre a edição dos fascículos, afirma ainda:

“Destes fascículos serão editadas dezoito séries. Os pequenos volumes, de formato *in-octavo*, têm um carácter misto, isto é, não comportam apenas narrativas de raiz tradicional, incluindo também as já referidas adaptações e alguns textos da exclusiva responsabilidade de Ana de Castro Osório. O êxito enorme de algumas destas séries confirma-se pelas reedições que tiveram.”²²

A sua abordagem integra-se no âmbito da análise literária e de conteúdo das recolhas e adaptações de textos de tradição oral efectuados por Ana de Castro Osório. A partir de 70 contos de *Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa – Recolhidas e Contadas por D. Ana de Castro Osório*, uma compilação da Sociedade de Expansão Cultural na década de 50, Fátima Ribeiro de Medeiros faz a relação entre o oral, o escrito e o infantil e interpreta de forma comparativa o sentido de espaços, de personagens, de animais, de números, da violência, do interdito, etc., nos contos de Ana de Castro Osório. Relaciona os seus contos com temas e arquétipos comuns a contos transnacionais, aprofundados entre outros por Bruno Bettelheim ou Vladimir Propp, e entrecruza-os com as marcas do pensamento pedagógico da autora, influências de raiz culta do iluminismo francês e valores da tradição portuguesa.

²⁰ MEDEIROS, 2003, p. 45.

²¹ MEDEIROS, p. 46.

²² *Idem*, 2003, p. 48.

Por questões de ordem prática, Fátima Ribeiro de Medeiros não recorre aos escritos publicados em brochuras a partir de 1897, às primeiras edições e reedições, dado haver uma certa dispersão e não ter conseguido ter acesso a todas as primeiras edições. Para a sua investigação utiliza a edição da Sociedade de Expansão Cultural de 1952. Não é o seu intuito compreender o papel da edição em fascículos, a quantidade e tipo de edições, a criação das editora **Para as Crianças** e **Lusitânia**.

Fátima Ribeiro de Medeiros elucida-nos sobre a extensão da vasta obra impressa de Ana de Castro Osório e expõe-na na recolha bibliográfica mais completa disponível, com o que a autora escreveu para os mais novos e para adultos bem como as suas colaborações em jornais e revistas. Na listagem dos periódicos parecem faltar, contudo, jornais infantis tais como *Abc-Zinho* (1921-1932), *O Amigo da Infância* (1881-1897), *Boletim da Escola Livre* (1907), *A Escola* (1903), *Os Sportsinhos* (1925), *Tic-Tac* (1931-1932), *O Vintém das Escolas* (1902-1906//1912-13) ou *O Vintém Infantil* (1913-1914), para os quais Ana de Castro Osório também escreveu e que aparecem no repertório analítico sobre imprensa de educação e ensino nos sécs. XIX e XX, de direcção de António Nóvoa.²³

Em vários dicionários há entradas sobre Ana de Castro Osório tais como *Dicionário da História de Portugal* (coord. António Barreto e Filomena Mónica), *Dicionário no Feminino*, (dir. Zília Osório e João Esteves), ou o *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do séc. XX (1900-1940)* de Daniel Pires. Em *O Jornal Infantil Português Ilustrado*, de A. J. Ferreira há referências sobre as publicações infantis para as quais a autora escreve. O seu nome surge também em enciclopédias *online* (Infopedia, Wikipedia, Enciclopédia Universal Multimédia).

Da bibliografia sobre Ana de Castro Osório, podem retirar-se algumas elações. Em primeiro lugar, a autora foi votada ao esquecimento durante muito tempo, facto referenciado por vários autores. Por outro lado, parece que, de forma progressiva, a partir da década de 80 e até a actualidade, lhe tem sido dado algum relevo nas suas diferentes áreas de intervenção.

²³ NÓVOA, 1993.

Nos estudos sobre a mulher, surge como uma das principais teorizadoras, defensora e activista da emancipação feminina, figura relevante na luta pela alfabetização das mulheres, pelo direito de voto ou o papel da mulher na esfera pública. São inúmeros os historiadores e investigadores que a ela se referem mas, se repararmos nas publicações, a maioria ou são da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres ou, anteriormente, da Comissão da Condição Feminina, ou fruto de colóquios no contexto universitário, ensaios em revistas de investigação ou ainda em homenagens. As obras em que aparece são em menor número e, integradas, em estudos de carácter temático, com outras figuras públicas.

Talvez seja a sua vertente de mulher subversiva dos valores dominantes sobre o denominado *sexo fraco* pela qual seja mais lembrada, o que parece fazer sentido dada a relevância e o impacto em termos ideológicos nas gerações vindouras.

Como feminista, as suas tomadas de posição não se podem dissociar do ideário republicano, mesmo pela convergência de ideais. No entanto, outras foram as batalhas que travou e pelas quais se pronunciou como republicana. A situação do operariado em Setúbal, as tomadas de posição em relação à Primeira Grande Guerra, a colaboração na criação da Lei do Divórcio ou a criação de organizações como a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas são exemplos disso. Sobre estes assuntos, o mesmo acontece, passando a bibliografia mais por dissertações de mestrado, investigações, actas de colóquios do que livros propriamente ditos.

Também como parte da Maçonaria Portuguesa e criadora de lojas maçónicas é mencionada no dicionário de A. H. de Oliveira Marques e na obra de Fernando Marques da Costa *A Maçonaria Portuguesa*.

Sobre a sua vida privada e as suas ligações com Camilo Pessanha, António Osório revela no *Colóquio Letras* da Fundação Calouste Gulbenkian “O Segredo de Camilo Pessanha e Ana de Castro Osório”, em 2000.

Como escritora, os seus romances, contos e novelas para adultos de género neo-romantismo progressista ou neo-romantismo lusitanista, passam despercebidos e não

parecem ter actualmente relevo. José Carlos Seabra Pereira afirma estar convencido de que Ana de Castro Osório pensava em vir a ser uma escritora para adultos, contudo, no campo literário a sua memória é de escritora emancipalista e escritora para as crianças.²⁴

No enquadramento da história da literatura infantil, as referências a Ana de Castro Osório começam a surgir a partir da década de 80 e intensificam-se nas décadas seguintes. Todos os investigadores fazem alusão à sua obra para crianças, porém, reconhecem a inexistência de reedições dos seus livros. A partir da década de 90 começam a aparecer no mercado editorial mais reedições da sua obra. A **Terramar** é uma das editoras que volta a publicá-la. *Branca-Flor e Outras Histórias*, como edições de 1990, 1998 e 2001; ou *O Esperto e Outras Histórias* em 1991, 1998 e 2001. A propósito do centenário de “Para as Crianças” e do 125º aniversário do nascimento da escritora, o **Instituto Piaget** reedita *Os Dez Anõezinhos da Tia Verde* e *O Príncipe Luís e outras histórias*. Na edição comemorativa dos Descobrimentos Portugueses e da Expo 98 publicam-se *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil* e *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte*.

As advertências quanto à falta de reconhecimento da autora como escritora de livros infantis são notórias. Todavia, a falta de estudos no âmbito da literatura infanto-juvenil não parece aplicar-se somente a Ana de Castro Osório, mas alargar-se a outros autores. Quando aponta as razões para a realização do seu estudo, Fátima Ribeiro de Medeiros é clara:

“Considero-os importantes para a história da literatura portuguesa pelas razões que passo a expor: em primeiro lugar, porque entendo que é necessário reflectir sobre esta literatura específica, tantas vezes esquecida ou minorizada, através de alguns dos seus textos mais antigos e decisivos para a sua consolidação como género autónomo entre nós.”²⁵

Na década de 90, António Soares Marques, João Esteves e Fátima Ribeiro de Medeiros declaram abertamente o esquecimento a que a autora tem sido votada. Com a obra *Do fruto à raiz: Uma Introdução às Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa – recolhidas e recontadas por Ana de Castro Osório*, Fátima Ribeiro de

²⁴ PEREIRA, 2005, p. 76.

²⁵ MEDEIROS, 2003, p. 13.

Medeiros ultrapassa a carência até então existente, destacando Ana de Castro Osório no contexto da história da literatura infanto-juvenil. Nesse sentido, o seu estudo é um passo para a valorização da sua vertente como escritora e um contributo incontornável de análise sobre um autor infanto-juvenil. A sua investigação enquadra-se nos estudos literários sobre o conto infantil maravilhoso, deixando pois em aberto a sua faceta como editora na promoção da literatura infantil.

Não só esta investigadora, mas também outros autores reconhecem a sua intensiva e persistente actividade no mundo da edição como um dos maiores contributos de Ana de Castro Osório relativamente à literatura infantil. Natércia Rocha toca nesta questão quando confere à autora/editora um papel preponderante na criação de novos contornos no panorama editorial, pela constante produção de edições de livros para crianças em Portugal e no Brasil. Garcia Barreto concede-lhe também um lugar cimeiro na divulgação do livro.

3. Contextos e textos para crianças

De forma a entender a acção de Ana de Castro Osório como autora/editora, é relevante enquadrá-la no aparecimento do género literário infantil. Sob o olhar de investigadores da história da literatura infantil, procurar-se-á também fazer um apanhado dos principais autores e livros portugueses, nos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX.

A literatura para as crianças de Ana de Castro Osório (1872-1935) enquadra-se no contexto de origem do género literário infanto-juvenil no mundo Ocidental, num movimento que ultrapassou a barreira do seu tempo e marcou a história da literatura infantil. Nomes como Condessa de Ségur, Hans Christian Andersen, os irmãos Grimm, Beatrix Potter, Lewis Carroll, Selma Lagerlöf, Júlio Verne, Monteiro Lobato, Carlo Collodi são alguns dos exemplos de autores cujas obras continuam a ser contadas e recontadas em livros, no cinema, na televisão. Mais recentemente há experiências de adaptações na Internet, nas quais se recria a história de um autor num contexto multimédia e interactivo.²⁶ Contudo, o campo da *hiperficção* infantil está ainda por delinear.²⁷

O advento da literatura para crianças deve-se a uma conjunção de factores, sem os quais não se pode compreender a sua natureza, a sua progressão e o seu impacto nos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX.

A concepção da infância como fase distinta da vida, com características e psicologia própria, começa a delinear-se a partir de finais do séc. XVII. O pensamento e obras de diversos pedagogos, entre os quais Locke (*Some Thoughts concerning Education* – 1693), Rousseau (*Émile* – 1762) ou Pestalozzi (*Wie Gerturde ihre Kinder lehrt* – 1801), contribuíram para que a leitura, através da educação, tenha passado a ser encarada na sua vertente didáctica. Em algumas obras, onde as crianças são protagonistas, nesta primeira fase, há uma crítica social subjacente, que não se dirige

²⁶ Veja-se o exemplo do site do Sítio do Picapau Amarelo (<http://sitio.globo.com>)

²⁷ José Augusto Mourão desenvolve o conceito de *hiperficção* em *Uma Poética do Hipertexto* (<http://www.triplov.com/hipert/>). Expõe que, através da Internet, o leitor poderá desenvolver obras ou livros em que é o autor. Pierre Lévi aprofunda a noção de *cibercultura*, através da qual novas práticas e construções textuais provenientes de um novo meio – a Internet – podem questionar o nosso paradigma comunicacional.

necessariamente ao público infantil. Tal é o caso, por exemplo, de *Oliver Twist*, de Charles Dickens.

Também a ideia de que o acesso à cultura conduz, por um lado, ao progresso moral e ao melhoramento de si e, por outro, gera desenvolvimento económico capacitando as populações para uma melhoria nas suas condições de vida, possibilitou que os hábitos de leitura se alargassem.

A alfabetização e a instrução primária tornam-se prioridades no mundo Ocidental no séc. XIX, e passa-se de uma reduzida elite que sabe ler/escrever para um maior número de possíveis leitores. No caso português, é entre 1860 e 1900²⁸ que se assiste a um acréscimo no número de escolas femininas e a uma triplicação de escolas públicas. A escolaridade masculina aumenta de 17,8% para 25,7 % no período entre 1864 e 1890, regredindo em 1900 para 21,3%, dados que confirmam, para Sérgio Campos Matos, que a escolaridade obrigatória não era cumprida.²⁹ Também em Inglaterra, apesar de a frequência na escola se ter tornado obrigatória pelos “Educational Act” de 1870, 1876 e 1880, o abandono escolar é uma realidade nesta época.

Segundo Sérgio Campos Matos, nos finais de oitocentos, a taxa de analfabetismo da população portuguesa é de 76%. Ainda que muito elevada aos olhos de hoje, a diminuição da taxa de analfabetismo conduziu a um crescimento do mercado industrial do livro. O mundo da edição ganha novos contornos, sobretudo pelo aparecimento de novos públicos – as mulheres, as classes populares e as crianças.

As mulheres passam a ser consumidoras de romances, revistas femininas, manuais de cozinha, etc. Já os jornais eram interditos ao público feminino nalguns contextos, nomeadamente em famílias católicas, optando-se por vezes pela leitura em voz alta. A instrução feminina tem como consequência ainda o aparecimento de “mulheres de letras” ou intelectuais, e mulheres escritoras.

A alfabetização das classes operárias, a par da redução do horário laboral, levou à existência de um “tempo de lazer”, no qual o saber e a leitura ganham importância.

²⁸ RIBEIRO, 1999, p. 189.

²⁹ MATOS, 1997, p. 95.

Com este novo público surge também a necessidade de criação de bibliotecas públicas, às quais homens e mulheres das classes média e baixa começam a frequentar. No nosso país, a criação de bibliotecas municipais intensifica-se a partir de 1870.

O incremento da imprensa, através de avanços técnicos (como a litografia) e da sua liberalização legislativa³⁰, proporcionou uma produção em larga escala no séc. XIX. A relação escritor/leitor altera-se, e número de romances em folhetim aumenta substancialmente, muitas vezes encomendados pelos directores de jornais consoante os gostos dos públicos. A edição de livros em fascículos torna-se um fenómeno generalizado. No caso da literatura para as crianças, também os jornais infantis e a edição em fascículos ocupam um papel fulcral, no processo de cativar e chegar ao público-alvo.

Não há uma marca cronológica para que se possa datar o início da literatura para crianças. Ainda que se aponte frequentemente o séc. XIX como decisivo, é importante ter em mente que houve uma longa evolução em séculos anteriores, diferente de país para país. Em Londres, por exemplo, John Newbury abre a primeira livraria, a primeira editora e o primeiro jornal infantil no séc. XVIII.

Em Portugal, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Eça de Queirós, entre outros, pronunciam-se sobre a educação ao longo do séc. XIX. A geração de 70 revela uma preocupação por não existir literatura infantil em Portugal, embora se concretize mais por uma consciência social e política do que na criação de algo novo. Eça de Queirós, aquando da sua estadia em Londres, observa:

“(…) Em Inglaterra existe uma verdadeira literatura para crianças, que tem os seus clássicos e os seus inovadores, um movimento e um mercado, editores e génios – em nada inferior à nossa literatura de homens sisudos. Aqui, apenas o bebé começa a soletrar possui logo os seus livros especiais: são obras adoráveis, que não contêm mais de dez ou doze páginas, intercaladas de estampas, impressas em tipo enorme, e de um raro gosto de edição.”³¹

³⁰ Em Portugal, a Lei da Liberdade da Imprensa data de 1821.

³¹ QUEIROZ, 1991, p. 191.

Em *Farpas Esquecidas*, Ramalho Ortigão comenta em 1881:

“Do Natal e das festas das crianças... na presente festa de Natal, assim como em todas as demais festas de Natal celebradas em Lisboa, o número das que recebem presentes é extremamente inferior ao número das crianças que recebem unicamente pancada.”³²

No séc. XIX, é ainda difícil delimitar a fronteira do que é criação original para crianças e recriação do que já existe porque, na maior parte das compilações, surgem mais adaptações e traduções. A primeira produção, provavelmente inspirada em obras estrangeiras, terá sido de Roque Ferreira Lobo: *Lições de Um Pai e Sua Filha na Primeira Idade* em 1813, com várias reimpressões. Em 1865 surge *Contos Morais*, com edição e autoria de António José de Teixeira. *Mimo à Infância*; e Maria Chiappe Cadet, que dirigiu a livraria da Madame Marie Françoise Lallemant, a partir da qual editou as suas obras, publica *Flores da Infância* em 1880 e títulos integrados na colecção “Teatro para as Crianças”, de 1883 a 1885. Já no final do século, destacam-se Virgínia de Castro e Almeida, com *A Fada Tentadora* em 1895, na “Biblioteca Azul”, uma obra pioneira, de fácil leitura, na qual o propósito de “divertir” se concretiza; e Ana de Castro Osório que publica também contos nos fascículos “Para as Crianças” que vem a compilar em séries na colecção **Para as Crianças**.

Pelo número de livros significativos publicados, Glória Bastos assinala a década de 80 como os “anos de ouro”³³ da literatura infantil do séc. XIX. *Contos da Mamã*, *Flores da Infância* e peças de teatro de Maria Chiappe Cadet; *Contos Nacionais para Crianças* e *Jogos e Rimas Infantis*, de Adolfo Coelho; *Contos para os Nossos Filhos*, de Maria Amália Vaz de Carvalho; *Histórias de Jesus para as Criancinhas Lerem*, de Gomes Leal; *Livro d’Ouro. Brinde à Infância*, uma selecção de D. Eufrásia da Silveira Corte-Real, são exemplos deste período. Esta tendência na edição de obras infantis consolida-se até à Primeira Grande Guerra e demarca aquilo a que a autora refere como “idade de ouro” do início da literatura infantil no nosso país.

Neste primeiro momento, assiste-se simultaneamente a um aumento no número de traduções; à compilação e adaptação de contos de raiz popular, tradicional e

³² PIRES, 1982, p.82.

³³ BASTOS, 1997, p. 43.

maravilhosos; e à tentativa de alguma produção original, na qual ainda não é clara, por vezes, a distinção entre literatura para as crianças e histórias nas quais estas são protagonistas (por ex. *Tragédia Infantil* de Guerra Junqueiro – 1887).

Cresce o número de traduções de obras estrangeiras através de várias colecções. Perrault, os irmãos Grimm, H. C. Andersen, Condessa de Ségur, etc. aparecem em várias “Bibliotecas”: “Biblioteca de Educação e Recreio”; do editor J.H. Verde (1877); “Biblioteca das Crianças”, de Henrique Marques Júnior (1898-1910); ou “Biblioteca Rosa Ilustrada” (a partir de 1872). Ainda que diversificadas, no domínio das traduções o predomínio vai sem dúvida para os textos franceses.

A recolha de contos tradicionais integra-se numa concepção artística de recuperação do passado, de enaltecimento da cultura popular, do interesse pela etnografia. Na literatura expressa-se pela passagem da cultura oral para a escrita. Neste processo, a associação criança/primitivo/popular está muito presente.

A tentativa nacionalista e romântica de identificação do que é popular e quais as origens do povo português, encontra eco em vários autores. Nos *Contos Tradicionaes do Povo Portuguez: com um estudo sobre a novellistica geral e notas comparativas*, Teófilo Braga refere ter-se dedicado à recolha de contos orais por todas as províncias, com a ajuda de estudiosos, narradores populares e relata até que um dos contos foi passado à escrita por uma criança. Nas advertências preliminares da sua obra, lamenta o facto de o intuito pedagógico ter tirado ao conto tradicional a sua poesia espontânea, conferindo uma moral com fins didácticos. Teófilo Braga afirma porém ter tido a preocupação de não perturbar a ingenuidade infantil.³⁴

As publicações **Para as Crianças** de Ana de Castro Osório contêm diversos contos, que se inscrevem num movimento de registo do tradicional como expressa a autora:

“(…) esta composição, como a inserta no ultimo numero, colhida na mesma affastada aldeia trasmontana, tivemos que refundi-la em parte e até que accrescentá-la em outras, tão incompleta e desfigurada nol-a dictaram. Que os manes do auctor, para nós incógnito, nos perdoem a nossa collaboração, só feita no sentido de a salvarmos da confusão em que já anda na bocca de raras e boas pessoas, quanto possível fieis no fim de contas. E as

³⁴ BRAGA, s.d.

composições, evidentemente trabalhadas sobre tradição mais remota, merecem, decerto, registro. (N. da D.)”³⁵

Contudo, ao contrário de Teófilo Braga, a preocupação e intenção de se dirigir às crianças é explícita desde o início da sua carreira. Veja-se o nome das suas publicações, as suas intervenções pedagógicas ao longo da vida ou, por exemplo, uma dedicatória à sobrinha Maria Anna Osorio de Castro Sousa Coutinho, logo em 1897:

“Ginha:

Offereço aos teus sete annos curiosos estes contos de fadas e encantamentos. Has de lê-los com prazer, e, como tu, todas as crianças a quem os destino.”³⁶

No que respeita à edição de livros infantis, os estudiosos da história da literatura infantil não são unânimes. Glória Bastos aponta para a aposta nas edições em finais do séc. XIX:

“Também aspectos editoriais, só aparentemente pouco sugestivos, como, por exemplo, a maior riqueza e valor artísticos das ilustrações, são no entanto reveladoras de um interesse particular em direcção a essa fatia do mercado livreiro.”³⁷

Laura Bettencourt Pires, por seu lado, caracteriza-as da seguinte forma:

“(…) impressas em mau papel, quase ilegíveis e as ilustrações de uma crueza confrangedora. A intenção dos editores era, decerto, reduzir as despesas de produção, visto que as edições entre nós tinham forçosamente que ser pequenas.”³⁸

Segundo Ester de Lemos:

“Eram edições sisudas, pouco ou nada ilustradas – adultas. Umas, como as de Lallemant, ainda tinham a delicadeza um tanto preciosa dos tipos finos, dos filetes de cor, do papel macio, das delicadas vinhetas. Mas a maior parte, nem isso: papel grosseiro, capas escuras, um ar utilitário, rebarbativo...”³⁹

³⁵ OSÓRIO, 1899, p. 90.

³⁶ OSÓRIO, 1897, p. 3.

³⁷ BASTOS, 1997, p. 43.

³⁸ PIRES, 1982, p. 86.

³⁹ LEMOS, 1972, p. 17.

Eça de Queirós nas suas *Crónicas de Londres* fala de “edições de luxo”:

“Em Portugal (...) Aparece uma ou outra dessas edições de luxo, de Paris, de que falei, e que constituem ornatos de sala. A França possui também uma literatura infantil tão rica e útil como a de Inglaterra: mas essa Portugal não a importa: livros para completar a mobília, sim; para educar o espírito, não.”⁴⁰

Quanto ao papel dos editores e ao processo de edição de livros infantis, Catherine Velay-Vallantin expressa o que ocorre em França nos sécs. XVIII e XIX:

“(...) os editores procuram o reconhecimento das suas qualidades profissionais garantindo o respeito pelo autor e a fidelidade do texto que imprimem. Em contrapartida reservam-se uma grande liberdade no que diz respeito à escolha das imagens, à ordem dos contos e aos títulos.”⁴¹

As primeiras tentativas de criação de jornais infantis acompanham a tendência geral da imprensa. Comparando com o presente, pode falar-se de uma grande vitalidade editorial. *Amigo da Infância*, *Jornal da Infância*, *O Almanaque das Crianças*, *Revista Branca*, *Génio do Bem*, *Recreio Infantil*, *Ilustração da Infância* são alguns exemplos do último quartel do séc. XIX.

Nascidos de iniciativas pessoais ou de pequenos grupos, com pouco financiamento, muitos destes jornais são de curta duração. Com um intuito marcadamente instrutivo, o teor do conteúdo é sobretudo literário e de conhecimentos úteis de várias áreas. Pelo facto de preverem a publicação em volumes semestrais ou anuais, apresentam uma qualidade de impressão e ilustrações mais elaboradas do que os outros jornais (o *Jornal das Crianças* contém inclusive gravuras coloridas). O preço é sensivelmente o mesmo do que um jornal normal: tanto o *Diário de Notícias* como o *Jornal das Crianças* custam 10 réis nos finais do séc. XIX. Não se sabe qual a tiragem mas, no que se refere ao número de leitores, José Tengarrinha estima que a leitura de cada exemplar de um jornal para adultos seria de 15 a 20 pessoas.⁴²

Para fixar o leitor, acontece o mesmo em periódicos infantis do que em jornais literários. Recorre-se a um sistema de assinaturas, nas quais reunindo os fascículos, o

⁴⁰ QUEIROZ, 1991, p. 193.

⁴¹ VELAY-VALLANTIN, 1998, p. 161.

⁴² BASTOS, 1997, p. 150.

leitor pode compilar as obras. David Corazzi (primeiro editor de Júlio Verne na editora **Horas Românticas**) foi pioneiro na estratégia comercial ao recorrer a um sistema de brindes e prémios.

Artur Anselmo descreve a importância dos fascículos para o editor e o público no séc. XIX:

“Com periodicidade certa (semanal, quinzenal ou mensal), o leitor recebe e coleciona as folhas, que depois mandará encadernar volume a volume. Para o editor, é um expediente comercial dos mais eficazes, uma vez que reduz o esforço do investimento e dispõe de capital fresco para acudir às despesas fixas correntes; para o comprador, é uma forma de adquirir em prestações suaves o que não seria capaz de comprar a pronto.”⁴³

Os fascículos de Ana de Castro Osório integram-se nesta corrente. O preço dos fascículos é de 60 réis. Os volumes, comprados avulso, custam 400 réis e por assinatura 340 réis. A 1ª série com os primeiros 6 fascículos teve a 2ª edição em 1897.⁴⁴

No séc. XIX, a fabulística é uma área de escrita de relevo, tanto pelas traduções e versões de fabulistas estrangeiros, como também por produções nacionais, tais como o monumental *Fabulário* de Henrique O’Neil, visconde de Santa Mónica cuja 1ª edição é de 1855 e logo após 3 anos, em 1888, é reeditado.

No campo da poesia começa a dar-se relevo à infância. Todavia, aos olhos de hoje, na maior parte dos casos os poemas não são propriamente direccionados para crianças, mas falam sobre elas. Exemplo deste género literário é a “selecções de poemas” *Tesouro Poético da Infância* (1883), de Antero de Quental.

O movimento de alfabetização tem como consequência imediata o aumento do número de escolas, e a necessidade inerente de livros de aprendizagem para as crianças. João de Deus tem uma acção pedagógica-didáctica intensa em Portugal, no Brasil e em África. Com a *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*, publicada em 1876, dedica-se à causa do ensino das primeiras letras com 25 lições, através de poemas e textos por ele adaptados ou criados. Francisco Adolfo Coelho, José Travassos Lopes, Maria Rita

⁴³ ANSELMO, 1997, p. 143.

⁴⁴ OSÓRIO, 1899.

Chiappe Cadet, entre muitos outros, colaboram na feitura de manuais escolares. Manuel Borges Grainha esclarece-nos relativamente ao universo das escolas em Portugal:

“O Anuario Estatistico de Portugal referente a 1900, publicado em 1907, diz-nos (pag. 174 e 175) que as freguesias de Portugal são 3:921, das quaes apenas 2:986 teem escola primaria official, havendo 935 sem ella: isto é, em numeros redondos, um quarto das freguesias de Portugal não tem escola official.”⁴⁵

Resumindo, o surgir da literatura infantil no nosso país advém de factores sociais, económicos, políticos e culturais, comuns na sociedade Ocidental do séc. XIX, cujos contornos se adequam ao contexto português.

A mudança na concepção da infância; as preocupações de alfabetização das crianças, das mulheres e da classe operária; as alterações tecnológicas no campo da imprensa e a consequente proliferação de periódicos; os ideais políticos vigentes; ganham eco entre nós e conduzem a uma alteração do panorama editorial nacional. No que se refere ao público infantil, esta mudança expressa-se pelas primeiras experiências de originais dedicados às crianças, por um aumento de “Bibliotecas” com traduções várias, por edições com formatos mais pequenos e manejáveis, pela utilização do sistema de assinaturas e fascículos, pela criação de vários jornais infantis e por um maior número de manuais escolares. Só assim poderemos entender a passagem da criança a consumidora de livros, facto que se generaliza no séc. XX.

Em relação ao processo de recepção de livros e jornais infantis, embora pareça óbvio que a produção em finais do séc. XIX atinja uma reduzida minoria (tendo em conta a taxa de analfabetismo); que o público seja de uma camada social média/alta (com poder de compra); e que a tiragem seja modesta; não há dados explícitos sobre estas matérias. É de realçar que a publicação de obras para crianças, no entender de Ester de Lemos, surge não tanto por interesses comerciais mas por um certo espírito de missão.

No séc. XX, a implantação da República dá um novo fôlego à literatura infantil portuguesa. O ideal “instruir e formar divertindo” ganha significado e tem

⁴⁵ GRAINHA, 1908, p. 12.

consequências na maneira de conceber a literatura infantil como género literário, nomeadamente no que respeita à sua forte marca didáctica.

Virgínia de Castro e Almeida é uma das escritoras pioneiras na literatura para as crianças. Em 1907 lança três livros cujo teor se enquadra nos ideais de instrução e entretenimento: *Céu Aberto*, *Em Pleno Azul* e *Terra Bendita*. Em 1911 é publicada a obra *Pela Terra e Pelo Ar* e, em 1913, *As Lições do André*. É interessante observar o percurso desta escritora que, anos mais tarde, publica *História de Dona Redonda e de Sua Gente* (1943). Este livro contém uma componente de *nonsense*, mais próxima dos livros de Lewis Carrol *Alice no País das Maravilhas*, (1865) e *Alice do Outro Lado do Espelho* (1872), do que do carácter moralizante de, por exemplo, *A Fada Tentadora*.

João da Mota Prego, marido de Virgínia de Castro e Almeida, também escreve para crianças, livros como *A Horta de Tomé* e *A Quinta do Diabo* são de 1909. Do mesmo autor surge, em 1912, *Os Netos do Nicolau* e, em 1913, *A Lagoa de Donim* e *O Pomar do Adrião*.

Pela mesma altura, o poeta Afonso Lopes Vieira escreve várias obras: *Animais Nossos Amigos*, em 1911; *Bartolomeu Marinheiro* e *Conto Infantil* ambos de 1912. *O Conto do Amadis de Portugal para os Rapazes Portugueses* recupera uma obra tradicional e tem um título curioso no qual é explícito a quem se destina “os rapazes portugueses” e não às crianças em geral.

Henrique Marques Júnior apresenta uma extensa obra com início na Monarquia prolongando-se na Primeira República e no Estado Novo. Funda e dirige colecções. Da sua obra registam-se *A Ilha dos Cozinheiros*, *Páscoa Infantil*, *No Reino do Prodígio* ou os contos da “Colecção Manecas”.

Emília Sousa Costa começa pela mesma altura e a sua produção estender-se-á durante o Estado Novo. *Primeiras Lições* (1914), *Memórias de El-Rei Papão* (1923), *Polichinelo em Lisboa* e *Polichinelo em Trás-os-Montes* (1918); ou *Polichinelo no Minho* (1921) são obras suas. As aventuras de Polichinelo parecem integrar-se mais

“na instrução do que no divertimento”, conforme refere Garcia Barreto.⁴⁶ Um dos aspectos comuns a vários autores é a coincidência ou, nalguns casos, parecença de nomes de personagens em histórias diferentes. Por exemplo, *Memórias de Lili* (1916) de Emília Sousa Costa tem um título semelhante à peça infantil de Ana de Castro Osório *A Comédia da Lili* (1903). Emília Sousa Costa destaca-se também pela criação “Biblioteca dos Pequeninos” e “Biblioteca Infantil”, pelas quais é responsável.

Na década de 20, vários escritores lançam obras. Maria Sofia de Santo Tirso tem uma obra pequena, mas original, com histórias como *Alegre-a-Linda* (1922), *Outros Contos Para as Criações de Portugal* (1922), e a colectânea *A Boneca Cor-de-Rosa*. Na produção de Maria Paula de Azevedo predominam adaptações e traduções. *O Colégio da Ameixoeira* (1922), *Dias Felizes (Scenas da vida das criações)* (1929), *Portugueses de Outrora* (1929) ou *Theatro para Criações* (1923) são da sua autoria.

António Sérgio publica vários títulos em 1925, e Fernanda de Castro publica o livro *A Mariazinha em África*. No seguimento surgem *As Aventuras de Mariazinha* (1935) e *Novas Aventuras de Mariazinha* (1959). Aquilino Ribeiro com o *Romance da Raposa* (1924) e Irene Lisboa com *13 Contarelos* (1926), compõem os nomes da literatura infantil portuguesa até à década de 30.

As produções de Ana de Castro, que incidem sobretudo no séc. XX, não são enumeradas neste capítulo, dado estarem incluídas nas fontes para um estudo, no capítulo seguinte.

A vitalidade de jornais infantis mantém-se e, como característica que os diferencia do século anterior, denota-se o crescente número de suplementos para crianças nos jornais diários. “Notícias Miudinho” (1924-1933) no *Diário de Notícias*, “Pim-Pam-Pum” em *O Século* (1925-1978), “O Commercio Infantil” no *Commercio do Porto* (1928), “Correio dos Pequeninos” no *Correio da Manhã* (1927), “Semana Infantil” em *A Voz* (1927), “Novidades dos Pequeninos” em *Novidades* (1926) são exemplo destas secções, relevantes na medida em que indicam uma rápida e crescente importância dada à infância.

⁴⁶ BARRETO, 1998, p. 34.

Exemplos de jornais infantis única e exclusivamente para os mais novos são *O Gafanhoto* (1903-4), *O Jornal dos Pequeninos* de Ana de Castro Osório (1907-8), *O Abc-zinho* (1921-28), *O Pintainho* (1925) ou *O Senhor Doutor* (1933-42). *O Papagaio*, fundado por Adolfo Simões Müller em 1935, passa em 1950 para o suplemento da revista *Flama*.

4. A editora Ana de Castro Osório: fontes para um estudo

Escolher fontes e textos a trabalhar é tarefa árdua na obra de Ana de Castro Osório porque as edições e reedições de livros são várias no seu tempo. Como o enfoque é a sua faceta de escritora/editora, procurou seleccionar-se casos exemplificativos da sua carreira, no intuito de testemunhar o seu percurso como escritora e as opções editoriais com editora.

Numa fase inicial, Ana de Castro Osório torna-se editora de histórias para crianças por não conseguir ver os seus contos publicados. Desta forma, parece essencial analisar os fascículos “Para as Crianças” de 1897-98 e aferir como os concebeu, com que visão e objectivos, como os distribuiu e vendeu.

Estes fascículos, cujo conteúdo é adaptado posteriormente em livros, são um exemplo de caso limite entre periódico e livro. Em cada série de 6, os fascículos são encadernados com capa própria, rosto e índice. Sobre um exemplar de Abril de 1897, em *O Jornal Infantil Português Ilustrado (1874-1975)*, de A. J. Ferreira dá nota de dados como o número de páginas – 32; a periodicidade – mensal; o formato – 27 x 18; o preço – 60 réis e as ilustrações – de Pires Marinho (gravador), Leal da Câmara, Conceição Silva, Agripino Maia, Raquel e Alfredo Gameiro. Relativamente às ilustrações, muitos outros colaboradores vêm a colaborar consigo: Hebe Gonçalves, Alfredo Gameiro ou Laura Nogueira.

No exemplar do estudo de A. J. Ferreira surge a explicação de que houve, pelo menos, 19 séries (sem a regularidade de publicação inicial).⁴⁷ Fátima Ribeiro de Medeiros fala de 18 séries.⁴⁸ Aquando da descrição dos jornais infantis inventariados da Biblioteca Nacional e na Biblioteca Municipal do Porto, Glória Bastos revela apenas ter encontrado 12 números dos fascículos de “Para as Crianças”, os dois últimos sem indicação de data.⁴⁹ Também relativamente ao formato, as medidas apresentadas por Glória Bastos são diferentes das de A. J. Ferreira – 14 x 10,5 cm.

⁴⁷ FERREIRA, 1988-1990, p. 35.

⁴⁸ MEDEIROS, 2003, p. 48.

⁴⁹ BASTOS, 1997, p. 86.

Procurar-se-á aceder a estas fontes, com a intenção de apurar os números que saíram, as tiragens, a regularidade, etc. A concepção de literatura infantil da autora enquanto escritora e pedagoga e o seu impacto junto dos leitores são também objectivos de análise junto destas fontes. Sobre este último aspecto, numa nota histórica, A. J. Ferreira fornece dados sobre uma eventual correspondência com os leitores, pelo que a consulta dessas cartas seria importante:

“(…) contacto com os leitores por meio de correspondência, adivinhas, e publicações da sua colaboração – características estas que constavam do próprio corpo dos fascículos ou das suas capas de embrulho.”⁵⁰

Porque Ana de Castro Osório tem uma produção contínua de escrita e um trabalho constante como editora de 1897 a 1935, pretende seleccionar-se alguns contos com a intenção de verificar opções editoriais do tipo: modificações da linguagem nos textos, escolha de ilustrações, de formatos, tipo e tamanho da letra, etc, na mesma história.

Um dos contos a trabalhar, a título de exemplo, será *A Princesa Muda*, ou a *Muda*, ou a *Princeza Muda*, história reeditada e traduzida em diferentes alturas. É editada logo em 1897 na 1ª série de “Para as Crianças”; aparece também na 3ª edição da primeira série de “Para as Crianças”, em 1899; ou em *Contos Tradicionaes Portugueses* de 1921, este último com a tradução do conto em espanhol (*La Princesa Muda*) por Carmen de Burgos. Esta história vem também a ser publicada em 2004, em *Quatro Contos Tradicionais Portugueses*, pela Câmara Municipal de Sintra.

Como a autora se dedicou muito à adaptação de contos tradicionais, parece relevante analisar uma história marcadamente tradicional. Comparar a versão de Ana de Castro Osório de *A História da Carochinha* (1916) com outros autores permite detectar eventuais diferenças na narrativa de discurso, vocabulário, etc., e, conseqüentemente retirar elações sobre a sua concepção do que é literatura infantil.

Para a investigação dos contos, serão consultadas: as edições de *Para as Crianças*, de 1897; 1899; 1900; 1901 e 1904; *Contos Maravilhosos*, de 1929; *Contos Maravilhosos para as Crianças* (s.d.), *Contos Tradicionais Portugueses*, (s.d.), *Contos Tradicionais*

⁵⁰ FERREIRA, 1988-1990, secção séc. XIX, p. 35.

Portugueses, 1908; *Contos Tradicionaes Portugueses*, de 1921; *A História da Carochinha*, de 1916.

Recorrer-se-ão também a edições e reedições posteriores para comparações e para reflectir sobre o significado da sua obra na memória cultural portuguesa. Os títulos serão *Branca-Flor e outras histórias*, Terramar, Mem Martins, 3º ed., 2001; *Casa de meu pai*, *Casa de mi padre*, *Chez mon père*, *My father's home*, Fernando Vale (org.), Instituto Piaget, Lisboa, 1999; *Contos, fábulas, facécias e exemplos da tradição popular portuguesa*, Soc. de Expansão Cultural, Lisboa, 1962; *Contos, fábulas, facécias e exemplos da tradição popular portuguesa*, Soc. de Expansão Cultural, Lisboa, 1963; *Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa - Recolhidas e Contadas por D. Ana de Castro Osório*, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1952; *O esperto e outras histórias*, Manuela Torres (sel.), 3ª ed. Terramar, Mem Martins, 2001; *O Fantasma*, de Paul Bourget com tradução de Ana de Castro Osório, Livraria Civilização, Porto, 1936; *Mães*, Livraria Editora Para as Creações, Imprensa Libânio da Silva, 1907. *O Príncipe das Maças de ouro: a Afilhada de S. Pedro: a Princesa e o Pobre Aldeão: História do Rei Turco*, Imprensa Lucas, 1935; *O Príncipe Luís e outras Histórias*, Fernando Vale (sel.), Ed. Centenária, Instituto Piaget, Lisboa, 2000; *Quatro Contos Tradicionais Portugueses*, Câmara Municipal de Sintra, Sintra, 2004; *Últimas Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa*, Sociedade de Expansão Cultural, 1960.

Entender a função de *O Jornal dos Pequeninos* como exemplo de estratégia editorial para cativar o público mais jovem para a leitura parece pertinente. Este jornal de quatro páginas era um brinde para os assinantes da Biblioteca **Para as Crianças**, mas podia ser comprado isoladamente, por 20 réis. Os textos são de vários escritores: Afonso Lopes Vieira, Carolina Aurora, A. Madeira Pinto, Jorge Martinho Claro, António Nobre, Maria Luiza Bexiga, José Osório de Castro e Oliveira e Maria do Céu, segundo dados de A. J. Ferreira.

A. J. Ferreira refere não existir indicação do dia nem do mês em *O Jornal dos Pequeninos*, contudo, sendo bimestral, o investigador depreende que terá iniciado em Janeiro de 1907, dedução que lhe surge também por uma carta de um leitor de Fevereiro de 1907. Embora apenas tenha encontrado até ao número 8, fala da

existência do número 11 de Setembro de 1908, a partir das informações que obtém em *Algumas Achegas para uma Bibliografia Infantil* de Henrique Marques Júnior.

Para este propósito pretende recorrer-se, se possível, às edições do *Jornal do Pequenininho*. *Algumas Achegas para uma Bibliografia Infantil*, de Henrique Marques Júnior é uma fonte imprescindível da altura. Verificar se outras colecções também utilizavam a mesma técnica parece importante. Outras “Bibliotecas” a consultar serão “Biblioteca Para os Meus Filhos”, “Biblioteca dos Pequenininhos”, “Biblioteca das Crianças”, “Biblioteca Rosa Ilustrada”, “Biblioteca Infantil”, “Biblioteca para a Infância” e “Colecção Manecas”. Para se fazer um paralelo com o mercado de jornais infantis da época, será relevante observar também exemplos de “O Gafanhoto” (1903-4), “O Pintainho” (1925), ou outros.

Da produção da autora, pretende ainda analisar-se *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil* (1923) por duas razões. Primeiro, por se tratar de uma publicação da editora **Lusitânia**, a segunda fundada por Ana de Castro Osório; e por outro lado, por ser um livro de leitura aprovado oficialmente para as escolas, o que pode fornecer dados sobre a propagação da sua obra e o eventual sucesso na época. Ana de Castro Osório concorre a um concurso aberto para livros escolares com *Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda* em 1909 e, não tendo o livro sido aprovado na altura, concorre novamente, depois de revisões e alterações e as suas histórias são aceites.

Para além da obra propriamente dita, outros textos surgem como fontes de consulta para a melhor compreensão do contexto escolar da época. De Manuel Borges Grainha os seguintes títulos poderão elucidar-nos sobre esta temática: *A Instrução Secundária de Ambos os Sexos: no Estrangeiro e em Portugal* (1905), *Instrução Primária, Secundária e Normal. Os Livros Escolares* (1904), *O Analfabetismo em Portugal: suas causas e meios de as remover* (1908). Revistas da época como a *Revista Pedagógica*, *Jornal da Mulher*, *Instrução e Educação – Crianças e Mulheres*, *Alma Infantil*, *A Mulher e a Criança*.

O espólio da Família Castro Osório contém elementos que podem ser muito úteis para averiguar aspectos de Ana de Castro Osório como editora. Ana de Castro Osório discute, aconselha-se e mantém uma correspondência considerável com o seu pai, juiz

e bibliófilo João Baptista de Castro sobre os assuntos de edições e reedições, principalmente da colecção **Para as Crianças**. Sendo este financiador da sua produção literária, estas cartas são provavelmente as fontes mais importantes do Espólio para este estudo. Dão a conhecer desabafos do processo de criação da autora, dados sobre vendas, revisão e emendas, ilustração, contactos com a tipografia, prazos de entregas, números de tiragens, oferta de livros a jornais, pedidos de empréstimos de dinheiro, encadernações, etc. (BNP Esp. N12/8-8A).

Sobretudo nos primeiros anos, para além de assuntos familiares, Ana de Castro Osório troca ideias sobre gestão de negócios com o seu marido Paulino de Oliveira (BNP Esp. N12/320-323).

Com uma rede de conhecimentos vasta, corresponde-se também com outros editores, livreiros e intervenientes no mundo da edição: Artur Leitão (BNP Esp. N 12/27-28); a casa editora Lello & Irmão (BNP Esp. N12/157 e N12/245), com quem deseja fazer um acordo em 1925; Monteiro Lobato (BNP Esp. N12/131-132) a quem propõe o direito de publicação de *As Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda* e dá a conhecer livros seus em stock (por ex. 3000 exemplares do *Livrinho Encantador*); e a Papelaria Progresso (BNP Esp N12/246).

Poderão esclarecer melhor a faceta de editora de Ana de Castro Osório, a correspondência com Áurea Judith de Amaral, da Comissão de Professores do Porto (BNP Esp. N12/153); cartas a si dirigidas de Raquel Roque Gameiro, uma das ilustradoras dos seus livros (BNP Esp. 476 e 478); cartas de Libânio da Silva (BNP Esp. A/649), onde se poderão encontrar possivelmente assuntos de impressão das suas obras; ou correspondência com outros escritores como Virgínia de Castro e Almeida e Teófilo Braga.

No Espólio Castro Osório há ainda notas sobre o pensamento pedagógico (BNP Esp. N 12/14), considerações sobre ensino primário (BNP Esp. N12/302) e a apreciação crítica da Direcção-Geral de Instrução Primária com comentários sobre a obra *As Aventuras de Felício e Felizarda*.

5. Instruir, formar e divertir?

Após uma aproximação ao legado de Ana de Castro Osório, foram observadas diversas facetas da sua personalidade que, no conjunto, revelam a sua complexidade e riqueza. Esta traduz-se na intervenção política, social, cívica, intelectual e criativa do seu tempo. Para que seja possível compreender quais os objectivos de Ana de Castro enquanto editora é necessário descrever-se brevemente as suas motivações enquanto autora e, depois, o modo como a sua actividade editorial foi inovadora.

Ana de Castro Osório parece estar muito consciente dos seus propósitos literários quando escreve para crianças e de ter a noção de estar a contribuir para a criação de um novo género. As suas motivações são várias e constam de uma carta ao seu pai, sem data, presente no espólio da Família Castro Osório da Biblioteca Nacional:

“(…) Às vezes já estou aborrecida disto tudo e acho inutil trabalhar e lutar mas vistas as coisas como se (?) reunidas a sangue frio – eu devo ainda tirar o fructo do meu trabalho. – Pois nós não tinhamos literatura infantil, eu tenho já criado uma e de valor educativo e artistico e a até tradicional, logo os meus livros devem vir a vender-se e a dar dinheiro.”⁵¹

As suas motivações enquadram-se no ideário republicano da época de “instruir, formar, divertindo” e na tentativa de recuperação da tradição oral. No entanto, o conteúdo das suas obras é variado e expressa diferentes vertentes, como se verá em seguida.

Nos seus contos de raiz tradicional surgem frases, também usadas por muitos outros autores ou contadores de histórias, como “E foram felizes para sempre”, “E todos viveram a melhor felicidade, a que se conquista sofrendo trabalhos”, “E assim foram muito felizes a *Princesa dos Cuidados* e o seu príncipe *cavalinho branco*”. Nos seus contos de cariz tradicional não há, na maioria das vezes, sinal de propaganda mas sim de reprodução de valores de contos maravilhosos transnacionais e de valores de raiz popular portuguesa. No universo do maravilhoso, de príncipes e princesas, de anõezinhos, bonifrates ou de animais falantes, dos livros de Ana de Castro Osório, veiculam-se mensagens que estimulam a imaginação, divertem e formam consciências.

⁵¹ BNP Esp. N12/8-8A.

Veja-se o exemplo da engraçada história *Os Dez Anõezinhos da Tia Verde-Água*. O conto relata a vida de um casal, cuja mulher é preguiçosa e não liga às lides domésticas. Perante tal comportamento, o marido está prestes a abandoná-la, por isso a personagem recorre a uma vizinha com poderes de feitiçaria que, através de dez anõezinhos, lhe ensina as tarefas da casa. No final, descobre-se que os 10 anõezinhos são uma alegoria para os 10 dedos das mãos como que se trabalha. Nesta história há, de facto, uma moral subjacente ainda que não marcadamente doutrinária.

A par com os contos tradicionais surgem obras de teor doutrinário, como é *De como Portugal foi chamado à guerra: História para Crianças* (1918), no qual a autora explica as causas da guerra, por que razão Portugal tomou parte, a aliança anglo-lusa, a falta de consciência nacional, o esforço português em África, etc. Ao ler hoje esta lição de história e contextualização dos acontecimentos da vida nacional, os eventos narrados parecem transmitir uma opinião muito parcial e discutível, ou seja, propaganda consciente. Contudo, podemos sempre questionar-nos se, em qualquer livro de relato de factos históricos para crianças, não há uma ideologia por detrás, fruto de uma época e pensamento dominantes.

As opiniões de Ana de Castro Osório transparecem, não só na obra acima citada, mas também em episódios pontuais nalgumas histórias. No manual escolar *Lendo e Aprendendo* é a neta que elucida a avó sobre os progressos técnicos, perante uma assembleia de homens. Este pormenor pode sugerir a sua feição feminista, uma vez que uma figura feminina – uma menina – expõe conhecimentos publicamente numa assembleia masculina.⁵²

No caso de *Os nossos amigos: Livro de Leitura*, um livro escolar aprovado oficialmente para a 3ª classe em 1922, as histórias parecem conter um forte carácter instrutivo e educativo. Títulos como “A chuva” (um poema do seu marido Paulino de Oliveira), “Chegou a Primavera”, “A coruja e o mocho”, “Os dois caçadores” ou

⁵² *Lendo e Aprendendo* é um manual escolar. Sabendo que o analfabetismo e o abandono escolar em Portugal são elevados na época, podemos pressupor que estes atingem uma minoria. Porém, como não há dados suficientes, urge investigar sobre o número de tiragens de manuais escolares da altura. Só desta forma, se pode conjecturar sobre a real influência de escritoras como Ana de Castro Osório na formação das crianças do seu tempo.

“Após o temporal, a bonança”, são histórias pedagógicas com ensinamentos sobre a natureza e a vida.

De entre as formas como Ana de Castro Osório tem sido vista, talvez fique mais na memória como uma escritora inscrita no ideário republicano, quer pelo lema dos autores da época “instruir, formar divertindo”, quer pela recolha dos seus contos de cariz tradicional.

No que diz respeito à figura de Ana de Castro Osório como editora, é relevante indicar que o editor ganha um maior poder na tomada de decisão do que é publicado, a partir do séc. XIX. A tal ponto que, muitos romances sofrem a co-autoria dos seus editores, como por exemplo em obras de Camilo Castelo Branco ou Júlio Dinis.

Como autora e editora de livros para crianças, Ana de Castro Osório encontra-se entre o processo de criação e de edição. A sua liberdade criativa passa por sucessivas experiências deste novo género que a levam a fazer alterações nos contos que edita, a apresentar ao público novas versões, com novos formatos e novas ilustrações. Por outro lado, a sua actividade como editora encerra condicionalismos de vária ordem, entre os quais económicos, que podem determinar as escolhas vai fazendo.

Na literatura para adultos, os lucros advêm do livro caro. O facto de a autora/editora não vender “edições de luxo”, em formatos maiores e com aparato, não parece resultar de condicionalismos económicos, mas sim de uma tentativa de se adequar ao público infantil. Os livros da colecção **Para as Crianças** são pequenos, logo, proporcionam uma leitura mais fácil. Na contracapa de um exemplar dos seus livros enviada pelo correio em 1897, a editora explica aos seus leitores que, no final de cada série de 6 números, distribuem-se aos assinantes capas de luxo, com frontispício e índice de “volumesinhos que formarão a minha bibliotheca. No fim do anno distribui-se-há um premio, que será o testemunho da minha gratidão.”⁵³

Ana de Castro Osório utiliza o sistema de assinaturas, que lhe facilita a vida como editora, uma vez que o pagamento é adiantado, por trimestre. A atribuição de brindes e

⁵³ OSÓRIO, 1997.

prémios é uma estratégia para manter o público fiel, aparentemente com sucesso. O contacto personalizado com as crianças, através da correspondência, permite-lhe avaliar de algum modo a recepção das suas histórias. Numa carta ao seu pai, denota-se uma preocupação de fazer chegar a sua obra às crianças: “(...) Lá mandei hoje outro exemplar do nº 35 à menina d’ahi, que diga se recebeu. (...)”⁵⁴

Na carreira como editora, Ana de Castro Osório parece aperfeiçoar-se na forma como apresenta os seus livros ao público infanto-juvenil. Se, no séc. XIX, as histórias da colecção **Para as Crianças** têm uma letra muito pequena e exibem desenhos de vários ilustradores, no mesmo volume; no séc. XX, a situação vai-se modificando. Obras como *Os dez anõezinhos da tia Verde-Água* ou *As Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda* manifestam parâmetros que hoje temos como adquiridos relativamente à literatura infantil. Esta progressão revela-se por histórias com uma linguagem mais simplificada, ilustrações mais infantilizadas e, nalguns casos, coloridas. Pela mesma altura, já Beatrix Potter, nos seus célebres *Peter Rabbit Books*, moldava uma narrativa de uma escrita simples, ilustrada com pinturas suas que, no conjunto, revelam uma harmonia pioneira.

A empresária Ana de Castro Osório quer vender os seus livros e fazer escoar o seu *stock* para um número alargado de pessoas. Parece recorrer a formas de estratégia comercial, como por exemplo o envio dos seus livros para jornais. Na carta ao seu pai de 20-06-1915 calcula quanto pode vir a ganhar com uma das suas obras e, nessas percentagens, fala de mandar um número de exemplares de um livro “Comeddia” (supomos ser o teatro infantil *A Comédia da Lili*) para os periódicos.

Quanto ao *stock* que tem disponível, Ana de Castro Osório elucida-nos numa carta, (infelizmente sem data), quando escreve ao seu pai:

“(...) Pergunta-me quanto tenho em papel em folha 4000 exemplares das “Boas Mães” 4000 exemplares da serie 3 – 4000 exemplares de 2 nºs da serie 11 e 2 nºs da 12 - 4000 exemplares dos dois nºs publicados da 14 e 4000 exemplares da “Minha Patria”. Alem do que há brochado (...)”⁵⁵

⁵⁴ BNP Esp. N12/8-8A, 22-01-1901.

⁵⁵ BNP Esp. N12/8-8A

O número de exemplares de qualquer de uma das obras é elevado. Mas, paralelamente a esta grande produção, surge a questão de problemas financeiros, expressa na correspondência com o seu pai.

“(…) Poderá ser assim? Se o meu livro fosse aprovado já eu ficando capitalista, assim estou muito pobertana. Já ando a emendar a 3ª serie para mandar imprimir a 2ª edição. As colleções fazem uma falta medonha. (…)”⁵⁶

Numa carta para a editora Lello & Irmão, de 28-12-1925⁵⁷, Ana de Castro Osório expõe a sua vontade de se associar àquela casa. Explicita também o ramo a que se tem dedicado – a literatura infantil e, dentro do género, o tipo de obras: literatura infantil para as escolas, e recreativa. Dá nota ainda do mercado para o qual quer fazer o acordo – Portugal, Colónias e Brasil. Este seu projecto não vem a concretizar-se. Revela, no entanto, as suas dificuldades económicas na década de 20, o tipo de literatura que procura desenvolver na altura (livros para as escolas e livros recreativos), e preocupações com a expansão do mercado – Brasil e Colónias.

Há outras formas de apurar se as suas publicações são vendidas. Os comentários que a editora vai tecendo na correspondência com o seu pai, confirmam a boa aceitação dos livros.

Sobre uma estadia ao Porto, Ana de Castro Osório escreve em 15-12-1904: “(…) Fiz uma grande propaganda das crianças, toda a gente me diz por lá que se vende sempre... encadernada para presentes (…”. Noutra carta, esta sem data, redige: “(…) A par disto, consola-me a ideia de que as crianças se vão tornando cada vez mais conhecidas e é raro o dia em que não vem assinantes. (…”. Surge outra ainda com um comentário relevante: “Ganhando eu pela literatura (o que a pouco sucede em Portugal) (…)”⁵⁸

Seria importante ter dados mais específicos sobre a recepção das obras junto do público infantil, de modo a tentar perceber o que as crianças pensam sobre os contos que recebem. Um possível acesso à correspondência trocada, pode aclarar este aspecto

⁵⁶ *Idem*, 16-11-1904.

⁵⁷ BNP Esp.N12/157.

⁵⁸ BNP Esp. N12/8-8A

que parece pertinente na medida em que ajuda a definir os contornos do que significa este género literário naquele tempo.

Se tivermos dados de que o público infantil gosta das suas histórias (facto que parece provável), a literatura produzida por Ana de Castro Osório perde, em parte, a marca doutrinária e instrutiva a que está conotada. Surge uma nova possibilidade: o prazer dos pequenos leitores associado ao livro.

6. Pistas a seguir

Nos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX, o livro alcança um novo poder com a sua democratização. O objecto impresso torna-se num meio de comunicação privilegiado de reflexão de ideias, de propagação ideológica, de entretenimento e de ensinamentos.

O número de livrarias cresce rapidamente. Para se ter uma ideia, entre 1919 e 1930 publicam-se 1000 livros por ano em Portugal (em 1989 – cerca de 6527).⁵⁹ Destes dados a nível nacional, uma das questões a desenvolver será aferir quantas destas publicações se destinam a crianças e, das existentes, qual a proporção da produção de Ana de Castro Osório no mercado.

A profissionalização do mercado do livro cria novas relações entre escritores, ilustradores, tipógrafos, editores, livreiros e ainda responsáveis de jornais. A relação entre a imprensa e literatura é muito próxima. A maior parte dos escritores escreve também para jornais, é através deles que a sua obra é projectada, o que significa que muitos autores estão de algum modo condicionados pelo que lhes é pedido.

Para se ficar com uma noção da importância da imprensa, o número de publicações periódicas em 1900 é de 416 títulos.⁶⁰ No caso de jornais para crianças, o exemplo de Ana de Castro pode servir para ajudar a descrever o panorama no que respeita ao público infante-juvenil. A autora colabora ao longo da sua carreira literária em o *ABC-zinho*, *O Amigo da Infância*, *Boletim da Escola Livre*, *Branco e Negro*, *A Escola*, *Revista Infantil*, *O Senhor Doutor*, *Os Sportsinhos*, *Tic-Tac*, *O Vintém das Escolas* e *O Vintém Infantil*. De sua iniciativa pessoal contam-se *O Jornal dos Pequeninos* e *A Montanha*.

Há questões que se podem colocar sobre a relação de escritores para a infância e a imprensa. Em suplementos de periódicos para adultos ou em jornais infantis, qual o espaço para contos e histórias de escritores? Os escritores para crianças publicam primeiro em jornais e só depois editam os seus livros ou vice-versa? Ou utilizam as duas formas? Há casos de narrativas de continuação no que se refere ao público

⁵⁹ RAMOS, 2001, p.47.

⁶⁰ *Idem*.

infantil como nos romances de folhetim? É o facto de os seus livros não se venderem que leva os escritores a utilizar a imprensa ou trata-se de um espírito de missão didáctico-pedagógico?

Por serem criados a partir de iniciativas pessoais ou de pequenos grupos, não parece que os escritores tenham tido na época algum tipo de restrições nas temáticas das suas histórias, nem fossem propriamente condicionados pela imprensa. Pelo contrário, ao invés de estarem à mercê dos gostos da maioria, tudo leva a crer que estes autores estivessem mais preocupados em criar um novo género literário – a literatura infantil.

O aumento substancial de produção literária, fruto da existência de novos públicos (mulheres, crianças e a classe operária) e de uma corrente literária mais doutrinária gera, no início do séc. XX, um questionamento por parte da elite artístico-intelectual sobre a qualidade das peças literárias. Veiga Simões divide a literatura portuguesa em duas tendências principais: uma literatura superficial, inspirada em modelos franceses; e uma “poesia oficial”.⁶¹

Enquanto objecto de cultura, o livro infantil reproduz imagens e conceitos da herança cultural e dos valores dominantes de uma época. Por outro lado, relewa a originalidade criativa de uma marca pessoal.

Factores externos à literatura influenciam o processo de produção, de transmissão e de recepção de um livro. A análise do contexto, no qual a obra nasce, permite a compreensão do seu conteúdo, da sua forma e do seu acolhimento, tanto na altura em que é escrito como posteriormente. Também o percurso do autor pode ajudar a elucidar determinados aspectos que, por vezes, em épocas posteriores à sua concepção, podem parecer desactualizados.

A autora/editora Ana de Castro Osório realiza uma actividade de produção e edição constantes, de 1897 a 1935. Esta actividade passa por uma produção como escritora, por uma visão do que deve ser o género literário infantil, por uma análise no âmbito da pedagogia e por várias medidas que toma, enquanto editora.

⁶¹ MOTA, 2006, p. 764.

Como autora/editora, a actividade de Ana de Castro Osório parece apresentar um desenvolvimento ao longo dos anos, de forma a adequar-se ao público infantil. Esta adequação passa por vários aspectos, tais como, uma linguagem mais simplificada, o uso de formatos mais manejáveis e a preocupação com a ilustração.

O uso de estratégias para sobreviver como empresária ajuda a esclarecer um possível sucesso das suas obras no seu tempo. O uso de fascículos, a criação de jornais, a oferta de exemplares dos seus livros a jornais como forma de divulgação, são algumas medidas tomadas para fazer escoar a sua obra. Não se encontra claro, porém, qual o percurso e evolução destas estratégias, em que anos as usou e porquê.

A tentativa de associação a outras casas editoras, na década de 20, pode eventualmente revelar que a sua empresa não estava a dar lucro. A expansão ao mercado brasileiro e uma eventual ideia de alargar as suas vendas às Colónias (que não chega a se concretizar), podem, por um lado, questionar o sucesso de vendas em Portugal, ou, por outro, revelar que a aceitação era geral, logo, um alargamento fazia todo o sentido.

A boa aceitação da obra de Ana de Castro Osório revela-se pelo número de edições e reedições na altura. A sua capacidade empreendedora, a sua persistência e uma vasta rede de conhecimentos terão possivelmente contribuído para o sucesso no seu tempo.

Há, porém, um factor, que parece ainda não ter sido considerado – o da recepção das suas obras pelos pequenos leitores, independentemente das marcas literárias que caracterizam a sua obra. Aferir os gostos de um público-alvo tão específico como as crianças parece essencial para a compreensão de como marca (ou não) uma obra para crianças. Pensamos que, se as mensagens dos seus livros não agradassem de algum modo ao público infantil, a sua obra nunca poderia ter vingado no mercado livreiro do início do séc. XX. Aprofundar o estudo da recepção de obras infantis, no intuito de compreender este género literário, pode, juntamente com os restantes factores já descritos, ser uma pista para uma investigação futura.

7. Fontes e bibliografia

Fontes

Fontes Arquivísticas

Biblioteca Nacional
Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea, espólio Família Castro Osório

Obra de Ana de Castro Osório

Para crianças

Alma Infantil, (sn), Setúbal, 1899.

Alguns Contos, (de Andersen), Ana de Castro Osório e Lisa Filbesg (trad.), il. Carlos Carneiro, Sociedade Industrial de Tipografia, Lisboa, 1931.

Arvores e Animais, Gráfica de L.C.G.G., Lisboa, 1931.

As boas crianças, 9ª série, 2ª ed., Livraria Editora Para as Crianças, Setúbal, 1905.

A boa mãe: livro de prémios escolares, il. Raquel Gameiro, Hebe Gonçalves, Setúbal, Livraria Editora Para as Crianças, Lisboa 1908.

Bem Prega Frei Tomás, Imprensa Libânio da Silva, Lisboa, 1905.

Branca-Flor e outras histórias, Terramar, Mem Martins, 1990.

Branca-Flor e outras histórias, Manuela Torres (sel.), Terramar, Mem Martins, 1998.

Branca-Flor e outras histórias, 3º ed., Terramar, Mem Martins, 2001.

Casa de meu pai, casa de mi padre, chez mon père, my father's home, Fernando Vale (org.), Instituto Piaget, Lisboa, 1999.

Casa de meu pai, il. Leal da Câmara, Lusitânia, Lisboa, 1922.

A Comedia da Lili: teatro infantil, Imprensa de Libânio da Silva, Lisboa, 1903.

Contos, (Grimm), vol. I, Casa do Livro, Porto, 1941.

Contos, (Grimm), vol. II, Casa do Livro, Porto, 1942.

Contos Maravilhosos, il. Raquel, 5ª ed., Parceria A. M. Pereira, Lisboa, 1929.

Contos Maravilhosos, 2ª série, 4ª ed., Casa editora Para as Crianças, Lisboa, (s.d).

Contos Maravilhosos, 7ª série, 2ª ed., Casa editora Para as Crianças, Lisboa, 1914.

- Contos Maravilhosos para as Crianças*, 2ª ed., Casa Editora para Crianças, Lisboa, (s.d.).
- Contos Tradicionais Portugueses*, il. Conceição Silva e novos desenhos de Rachel Gameiro e Hebe Gonçalves, 2ª ed., Setúbal, (s.d.).
- Contos Tradicionais Portuguêses*, il. Rachel Gameiro, Hebe Gonçalves, 2ª ed., Setúbal, Livraria Para as Crianças, (s.d.).
- Contos Tradicionais Portugueses*, il. Leal da Câmara, Hebe Gonçalves, 4ª ed., Livraria Editora Para as Crianças, 1908.
- Contos Tradicionais Portugueses para Crianças*, Instituto Piaget, Lisboa, 1997.
- Contos, fábulas, facécias e exemplos da tradição popular portuguesa*, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1962.
- Contos, fábulas, facécias e exemplos da tradição popular portuguesa*, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1963.
- De como Portugal foi chamado à Guerra: história para crianças*, Casa Editora Para as Crianças, Lisboa, 1918.
- De como Portugal foi chamado à Guerra: história para crianças*, Casa Editora Para as Crianças, Lisboa, 1919.
- Esperteza dum Sacristão*, il. Leal da Câmara, Atelier Coloro-Tippe, Lisboa, 1905.
- Esperteza dum Sacristão*, *Contos Tradicionais Portugueses*, il. Leal da Câmara, Tip. Lusitânia, (s.d.).
- História da Carochinha*, Casa Editora Para as Crianças, Lisboa, 1916.
- Histórias Escolhidas*, Louise Ey, Ana de Castro Osório e M. R. (trad.), il. Rachel Gameiro, Hebe Gonçalves, Livraria Para as Crianças, 1907.
- Histórias Maravilhosas*, 2ª ed., Lusitânia, 1924.
- Histórias Maravilhosas*, Tip. Progresso, 1940.
- Histórias Maravilhosas da Tradição popular Portuguesa - Recolhidas e Contadas por D. Ana de Castro Osório*, Soc. de Expansão Cultural, Lisboa, 1952.
- História do Príncipe Luís*, Casa Editora Para as Crianças, Lisboa, 1915.
- Histórias Escolhidas*, (trad. do alemão), Livraria Editora Para as Crianças, Setúbal, 1907.
- La princesa muda*, Carmen Burgos (trad.), il. Leal da Câmara, (sn), Lisboa, 1906.
- Lendo e Aprendendo: livro ilustrado de leitura para as escolas primárias do estado de S. Paulo*, Empresa de Propaganda Literária, S. Paulo, 1913.
- Lendo e aprendendo: para a 4ª classe*, 2ª ed., Lusitânia, (s.d.).
- Mães*, Livraria Editora Para as Crianças, Imprensa Libânio da Silva, 1907.

Mistério do Oceano, (Luís Mota), Ana de Castro Osório e Manuel Osório de Castro (trad.), João Romano Torres, (s.d).

Novas Histórias Maravilhosas, Latina Editora, Porto, 1943.

O Esperto e outras Histórias, Manuela Torres (sel.), Terramar, Mem Martins, 1991.

O Esperto e outras Histórias, Manuela Torres (sel.), 2ª ed. Terramar, Mem Martins, 1998.

O Esperto e outras Histórias, Manuela Torres (sel.), 3ª ed. Terramar, Mem Martins, 2001.

O Fantasma, (Paul Bourget), Ana de Castro Osório (trad.), Livraria Civilização, Porto, 1936.

O Fantasma, (Paul Bourget), Ana de Castro Osório (trad.), Livraria Civilização, Porto, 1958.

O Leão de Ouro, Alma Azul, 2005.

O Livrinho Encantador, 2ª ed., Tip. Lusitânia, Lisboa, 1923.

O Príncipe das Maças de Ouro: a Afilhada de S. Pedro: a Princesa e o Pobre Aldeão: História do Rei Turco, Imprensa Lucas, 1935.

O Príncipe Luís e Outras Histórias, Fernando Vale (sel.), il. Leal da Câmara, Rachel Roque Gameiro, Ed. centenária, Instituto Piaget, Lisboa, 2000.

O Túnel Submarino, Luís Mota, Ana de Castro Osório e Miguel Osório de Castro (trad.), Romano Torres, Lisboa, (s.d.).

Os Animaes: Para as Crianças, il. José Osório de Castro e Oliveira, Guimarães, Lisboa, 1903.

Os Dez Anõezinhos da Tia Verde-Água, il. Leal da Câmara, Lusitânia, Lisboa, (s.d.).

Os Dez Anõezinhos da Tia Verde-Água, Fernando do Vale (sel.), Ed. Centenária, Instituto Piaget, Lisboa, 1997.

Os Nossos Amigos: livro de leitura para a 3ª classe, 4ª ed. Lusitânia, 1922

Para as Creanças, Setúbal, 1897.

Para as Creanças, Setúbal, 1899.

Para as Creanças, Setúbal, 1900.

Para as Creanças, Setúbal, 1901.

Para as Creanças, Setúbal, 1904.

Paras as Crianças: alguns contos de Grimm, Imprensa Libânio da Silva, Lisboa, 1904.

Para as Crianças: Contos Tradicionaes Portugueses, il. Rachel Gameiro, 2ª ed., Setúbal, 1905.

A Princesa e a Ervilha, (Andersen), Ana de Castro Osório (trad.), Veja, Lisboa, 1993.

A Princesa Muda, il. Leal da Câmara, Casa Editora Para as Crianças, Lisboa, 1921.

Quatro Contos Tradicionais Portugueses, Câmara Municipal de Sintra, Sintra, 2004.

Ser Bom, Livraria Editora Para as Crianças, Setúbal, (s.d.).

Últimas Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1960.

Uma Lição de História, Livraria Editora Para as Crianças, Setúbal, 1909.

Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil: contos para crianças: livro de leitura aprovado oficialmente, il. A. Jordain, Lusitânia, Lisboa, 1923.

Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil, Fernando Vale (org.), Instituto Piaget, Lisboa, 1998.

Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte, Lusitânia, Lisboa, 1922.

Viagens aventurosas de Felício e Felizarda ao Pólo Norte, Fernando Vale (org.), Instituto Piaget, Lisboa, 1998.

Jornais Infantis

ABC-zinho

O Amigo da Infância

Boletim da Escola Livre

Branco e Negro

A Escola

O Jornal dos Pequeninós

A Montanha – Para As Crianças

Publicações Para as Crianças – 18 volumes

Revista Infantil

O Senhor Doutor

Os Sportsinhos

Tic-Tac

O Vintém das Escolas

O Vintém Infantil

Outros Jornais, Artigos e Revistas

Alma Feminina

Gazeta Ilustrada

A Madrugada

A Mulher e a Criança

A Mulher Portuguesa

Jornal da Mulher

Revista Pedagógica

A Semeadora

Instrução e Educação – Crianças e Mulheres

O Gafanhoto

O Pintainho

Outras fontes

BARROS, Thereza Leitão, *Esriptoras de Portugal*, Tip. de António B. Antunes, Lisboa, 1924, vol.II.

BASTOS, Rachel Bastos, *Ana de Castro Osório – mulher*, (s.n), Sociedade Industrial de Typografia Limitada, Lisboa, 1935.

BRAGA, Teófilo, *Contos tradicionaes do povo portuguez: com um estudo sobre a novellistica geral e notas comparativas*; Livr. Universal, Porto, (s.d.).

GRAINHA, Manuel Borges, *A instrução secundária de ambos os sexos: no estrangeiro e em Portugal*, Typographia Universal, Lisboa, 1905.

_____, *Instrução Primária, Secundária e Normal. Os Livros Escolares*, Lisboa, 1904.

_____, *O analfabetismo em Portugal: suas causas e meios de as remover*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1908.

MARQUES JÚNIOR, Henrique, *Algumas achegas para uma bibliografia infantil*, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1928.

QUEIROZ, Eça, “Literatura de Natal” in *Cartas de Inglaterra, Crónicas de Londres*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1991.

Obras de carácter geral e de enquadramento

De referência Teórica e Metodológica

ALLIENDE, Felipe, *A Leitura – Teoria, Avaliação e Desenvolvimento*, 8ª ed., Artmed, 2005.

ANSELMO, Artur, *Estudos da História do Livro*, Guimarães Editores, Lisboa, 1997.

ARIÈS, Philippe, “A História das Mentalidades” in *A Nova História*, Jacques le Goff e Roger Chartier (dir.), Almedina, Coimbra, 1990.

CHARTIER, Roger, “As Revoluções da Leitura no Ocidente, in *Leitura, história e história da leitura*, Márcia Abreu (org.), ALB, Mercado das Letras, FAPESP, Campinas, S.Paulo, 2ªed, 2000.

CURTO, Diogo Ramada (coord), *Bibliografia da História do livro em Portugal, Séculos XV a XIX*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 2003.

GUEDES, Fernando, *Os Livreiros em Portugal e as suas Associações desde o séc. XV até aos nossos dias*, 2ª ed., Verbo, Lisboa, 2005, (1ª ed. 1993).

HÉBRARD, Jean, “Três Figuras de Jovens Leitores: Alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural” in *Leitura, História e História da Leitura*, Márcia Abreu (org.), 2ªed, ALB, Mercado das Letras, FAPESP, Campinas, S.Paulo, 2000.

LISBOA, João Luís (coord.), *O livro e a leitura*, Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias, nº 9, 1997.

_____, *Sobre a investigação actual em história do livro e da leitura*, Leituras: revista da Biblioteca Nacional, nº1, 1997.

LYONS, Martin, “I Nouvi Lettori nel Secolo : Donne, Fanciulli, Operai” in *Storia della lettura nel mondo occidentale*, Robert Bonfil, Guglielmo Cavallo, Roger Chartier, Marilena Maniaci, 2ª ed., Laterza, Roma, 1999.

MARTINS, Jorge M., *Marketing do Livro: Materiais para uma Sociologia do Editor Português de Camilo à Internet, o prazer de editar*, Celta, Lisboa, 1999.

MC KENZIE D.F., *La Bibliographie et la Sociologie des Textes*, Éditions du Cercle de la Libraire, Paris, 1991.

LÉVY, Pierre, *Cibercultura*, Instituto Piaget, 1999.

Sobre a Época

BARREIRA, Cecília, *História das Nossas Avós: Retrato da Burguesia em Lisboa (1890-1930)*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1992.

Dicionário de História de Portugal, António Barreto e Maria Filomena Mónica (coord.), Livraria Figueirinhas, Porto, 2000.

Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis, Américo Lopes Oliveira e Mário Viana, Lello & Irmãos, Porto, 1967.

DOMINGOS, Manuela, *Estudos da Sociologia da Cultura. Livros e Leitores do Século XIX*, Instituto Português do Ensino à Distância, Lisboa, 1985.

DANIEL, Pires, *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX (1900-1940)*, Grifo, Lisboa, 1996.

MARQUES, A. H. de Oliveira, *História de Portugal, Das Revoluções Liberais aos Nossos Dias*, vol. III, 13ª ed., Editorial Presença, Lisboa, 1998.

MATOS, Sérgio Campos, *Política de Educação e Instrução Popular no Portugal Oitocentista*, Centro de História da Universidade, Lisboa, 1997.

MOTA, Nuno, “Estudos de Sociologia da Leitura em Portugal no Século XX”, Diogo Ramada Curto (dir.), *Textos de Ciências Sociais e Humanas*, Fundação Calouste Gulbenkian, Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2006.

NÓVOA, António (dir.), *A Imprensa de Educação e Ensino: Repertório Analítico (séculos XIX-XX)*, Instituto de Inovação Educacional, colecção “Memórias da Educação”, Lisboa, 1993.

RAFAEL, Gina Guedes e Manuela Santos (coord.), *Jornais e Revistas Portuguesas do séc. XIX*, 2 vols., Biblioteca Nacional, Lisboa, 1998-2002.

RAMOS, Rui, José Mattoso (dir.), *História de Portugal – A segunda Fundação (1890-1926)*, Vol. VI, Estampa, Lisboa, 2001.

RIBEIRO, Maria Manuela Tavares, “Livros e leituras no séc. XIX” in *Revista de História das Ideias*, v.20, 1999, p. 189

ROCHA, Clara, *Revistas Literárias do século XX em Portugal*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1985.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima, *Para uma Sociologia Burguesa em Portugal no séc. XIX*, Presença, Lisboa, 1983.

TENGARRINHA, José, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2ª ed. revista e aumentada, Lisboa, Caminho, 1989, (1ª ed. - Portugália, Lisboa, 1965).

Bibliografia específica

Sobre Ana de Castro Osório

Mulheres que Deram Nome a Ruas de Setúbal, M.D.M., Setúbal, 1985.

AAVV., *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro Para o Ano 1930*, Parceria António Maria Pereira, Lisboa, 1929.

AGOSTINHO, José, *A Mulher em Portugal*, Figueirinhas, Porto, 1908.

BARRADAS, Ana, “Feminismo Anti-operário: A República e a Greve das Conserveiras de Setúbal”, *Memória dos Trabalhadores e das Lutas, A Condição Operária*, História, nº 11, Lisboa, 1999.

BARREIRA, Cecília, “Osório, Ana de Castro”, *Dicionário da Literatura Portuguesa*, Álvaro Manuel Machado (dir. e org), Editorial Presença, Lisboa, 1996.

BRUNO, Sampaio, *Os Modernos Publicistas Portugueses*, Livraria Chardron, Porto, 1906.

CATROGA, Fernando, “A Laicização do Casamento e o Feminismo Republicano”, *A Mulher na Sociedade Portuguesa*, vol. I, Actas do Congresso, Instituto de História Económica e Social, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1989.

COELHO, Karine, *Ana de Castro Osório et les Féministe Portugais*, « Mémoires pour Obtentions du Dead’Études Portugaises, Brasiliénnes et de L’Afrique Lusophone », Paris, 2000.

COSTA, Fernando Marques da, *A Maçonaria Feminina*, Veja, Lisboa, (s.d.).

_____, “Mulheres, Elites e Igualitarismo na 1ª República” em *Mulher na Sociedade Portuguesa – Visão Histórica e Perspectivas Actuais*, II, Actas do Colóquio, Instituto de História Económica e Social da Faculdade de Letras, Coimbra, 1986.

ESTEVES, João, “Ana de Castro Osório” in *Dicionário no Feminino*, Zília Osório e João Esteves (dir.), Livros Horizonte, Lisboa, 2005, pp. 91-98.

_____, “A Coleção Castro Osório – Ana de Castro Osório (1872-1935)”, in *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional*, Francisco Bettencourt (dir.) nº1, 1997.

_____, *A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas*, Organizações não Governamentais do Conselho Consultivo da Comissão Igualdade, Lisboa, 1991.

_____, *As Origens do Sufragismo Português*, Bizâncio, Lisboa, 1998.

_____, *Estudos sobre a Mulher em Portugal*, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, Lisboa, 1993.

_____, “O Movimento Feminista em Portugal. A pesquisa em Periódicos (1899-1922)”, *Faces de Eva, Estudos sobre a Mulher*, nº 1-2, Colibri, Lisboa, 1999.

FREIRE, Natércia, “Uma figura das Nossas Letras, D. Ana de Castro Osório”, *Rádio Nacional* nº 363, Lisboa, 09-07-1944.

GORJÃO, Vanda, *Mulheres em Tempos Sombrios*, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2002.

GUIMARÃES, Elina, “Sete Décadas de Feminismo”, *Boletim nº1*, Comissão da Condição Feminina, Lisboa, Março, 1978.

_____, *Mulheres Portuguesas Ontem e Hoje*, 3ª ed., Comissão da Condição Feminina, Lisboa, 1989.

LEAL, Maria Ivone, *Um Século de Periódicos Femininos*, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, Lisboa, 1992.

MARQUES, A. H. de Oliveira, *Dicionário da Maçonaria Portuguesa*, vol. II, Editorial Delta, Lisboa, 1986.

MARQUES, António Soares, *Ana de Castro Osório e a Literatura Infanto-juvenil*, Avis, Viseu, 1994.

MARTINS, Maria João, *Mulheres Portuguesas, Divas, Santas e Demónios*, vol. II, Veja, Lisboa, 1994.

MEDEIROS, Maria de Fátima da Câmara Ribeiro, *Do Fruto à Raiz: uma introdução às Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa: recolhidas e recontadas por Ana de Castro Osório*, Coleção Ensaios, Gailivro, Lisboa, 2003.

Maria Alice Samara, “Ana de Castro Osório: doutrina e organização” in Maria Alice Samara, *Operárias e Burguesas – As Mulheres no Tempo da República*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2007, pp.113-131.

NELLY, “A Tradição Popular Portuguesa em Histórias para Crianças”, *Diário Popular*, nº3501, Ano X (suplemento “Artes e Letras”), Lisboa, 02-07-1952.

OLIVEIRA, José Osório de, “Ana de Castro Osório Minha Mãe”, *Vida Mundial Ilustrada*, nº 45, p. 4, Lisboa, 1942.

OSÓRIO, António, “O Segredo de Camilo Pessanha e Ana de Castro Osório”, *Colóquio Letras*, nº 155-156, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2000.

OSÓRIO, João de Castro, “Notas sobre o Salvamento dos Poemas de Camilo Pessanha suas Edições”, PESSANHA, Camilo, *Clepsidra e outros Poemas*, Ática, Lisboa, 1969.

PEREIRA, José Carlos Seabra Pereira, *Perspectivas do Feminismo na Literatura Neo-Romântica*, Coimbra Editora, Coimbra, 1986.

PESSANHA, Camilo, *Cartas a Alberto Osório de Castro, João Baptista de Castro, Ana de castro Osório*, INCM, Lisboa, 1984.

SILVA, Luísa Ferreira, *Entre Marido e Mulher Alguém Meta a Colhe, À Bolina*, Celorico de Bastos, 1995.

SILVA, Regina Tavares da, *Feminismo em Portugal na Voz de Mulheres Escritoras do Início do Séc. XX*, Comissão da Condição Feminina, Lisboa, 1982.

_____, “História no Feminino: os Movimentos Feministas em Portugal”, João Medina (dir.), *História de Portugal*, vol. XV, Clube Internacional do Livro, Amadora, 1996.

_____, *A Mulher, Bibliografia Portuguesa Anotada (1518-1998)*, Cosmos, Lisboa, 1999.

VELEDA, Maria, “Memórias”, *Jornal República*, nº 6914, Lisboa, 09-03-1950.

VIDIGAL, Luís “Entre o Exótico e o Colonizado: Imagens do Outro em Manuais Escolares e Livros para Crianças no Portugal Imperial (1890-1945)”, *Para uma História da Educação Colonial/Hacia una Historia de la Educación Colonial* (actas do Congresso), Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1996.

_____, “Leituras e Manuais Escolares em Portugal na 1ª Metade do Século XX”, *Intercompreensão*, nº 4, E.S.E.S, Santarém, 1994.

Sobre Literatura Infantil

BARRETO, Garcia, *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*, Campo das Letras, Porto, 2002.

_____, *Literatura para Crianças e Jovens em Portugal*, Campo das Letras, Porto, 1998.

BASTOS, Glória, *A Escrita para Crianças em Portugal no séc. XIX*, Caminho, Lisboa, 1997.

_____, *Literatura Infantil e Juvenil*, Universidade Aberta, Lisboa, 2005.

BETTELHEIM, Bruno, *Psicanálise dos Contos de Fadas*, 10ª ed., Bertrand Editora, 2003.

BRAVO-VILLASANTE, Carmen, *História da Literatura Infantil Universal*, Veja, Lisboa, 1997.

FERREIRA, A. J., *O Jornal Infantil Português Ilustrado (1874-1975)*, Lisboa, 1988-1990.

FERRO, João Pedro, *História da Banda Desenhada Infantil. Das origens ao ABCzinho*, Editorial Presença, Lisboa, 1987.

GIL, Júlio, *Aspectos Editoriais da Literatura Infantil*, Direcção Geral de Educação Permanente, Lisboa, 1972.

GOMES, Alice, *A Literatura para a Infância*, Torres & Abreu, Lisboa, 1979.

GOMES, José António, *Literatura para Crianças e Jovens: Alguns Percursos*, Lisboa, Caminho, 1992.

GUEDES, Fernando, *Aspectos Editoriais do Livro Juvenil*, Direcção Geral de Educação Permanente, 1973.

LEMOS, Maria Ester, *A Literatura Infantil em Portugal*, Direcção Geral de Educação Permanente, M.E.N., 1972.

NOISSER, Laura, "Le livres pour enfants" in *Histoire de L'édition Française*, Henri-Jean Martin et Roger Chartier (dir.), Vol. IV – Le livre concurrencé, 1900-1950, Paris, Fayard, 1989 (1ª ed. Promodis 1982).

ORY, Pascal, "De la presse enfantine à la bande dessinée" in *Histoire de L'édition Française*, Henri-Jean Martin et Roger Chartier (dir.), Vol. IV – Le livre concurrencé, 1900-1950, Paris, Fayard, 1989 (1ª ed. Promodis 1982).

PIRES, Maria da Natividade, *Pontes e Fronteiras, da Literatura Tradicional à Literatura Contemporânea*, Caminho, Lisboa, 2005.

PIRES, Maria Laura Bettencourt, *História da Literatura infantil portuguesa*, Editorial Veja, Lisboa, 1982.

PROPP, Vladimir, *Morfologia do Conto*, 5ª ed., Vega, 2003.

ROCHA, Natércia, *Bibliografia Geral da Literatura Portuguesa para Crianças*, Editorial Comunicação, Lisboa, 1987.

_____, *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*, 1ª ed., Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1984.

_____, *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*, 2ª ed., Caminho, Lisboa, 2001.

SÁ, Domingos Guimarães, *A Literatura Infantil em Portugal: Achegas para a sua História*, Editorial Franciscana, Braga, 1981.

TRAÇA, Maria Emília, *O Fio da Memória – Do Conto popular ao Conto para Crianças*, Porto Editora, Porto, 1992.

VALE, Fernando Gomes Marques, *A Literatura Infantil em Portugal: João de Deus – um pioneiro?*, Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 1991.

VELAY-VALLANTIN, Catherine, "O espelho dos contos. Perrault nas *Bibliothèques bleues*, in *As utilizações do objecto impresso*, Roger Chartier (dir.), Difel, Algés, 1998.

Sobre Literatura Infantil – disponível em linha

MOURÃO, José Augusto, *Para Uma Poética do Hipertexto* (<http://www.triplov.com/hipert/>) Gulbenkian, 2004.

PEREIRA, José Carlos Seabra, “O Bloco de Nautas” no XVI Encontro de Literatura para Crianças, in www.leitura.gulbenkian.pt/boletim_cultural/files/Especiais_Abril_2005.pdf, Fundação Calouste José